



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A ESCOLARIZAÇÃO DO GÊNERO LITERÁRIO CONTO NO LIVRO DIDÁTICO
*PORTUGUÊS: LITERATURA, GRAMÁTICA E PRODUÇÃO TEXTUAL***

PRISCILA LIMA DE SOUSA

**Catolé do Rocha – PB
2014**

PRISCILA LIMA DE SOUSA

**A ESCOLARIZAÇÃO DO GÊNERO LITERÁRIO CONTO NO LIVRO DIDÁTICO
*PORTUGUÊS: LITERATURA, GRAMÁTICA E PRODUÇÃO TEXTUAL***

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo),
apresentado ao Departamento de Letras e
Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba,
como um dos requisitos para a obtenção do grau de
Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof.Esp. José Marcos Rosendo de
Souza

**Catolé do Rocha – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Sousa, Priscila Lima de
A escolarização do gênero literário conto no livro didático português: [manuscrito] : literatura, gramática e produção textual / Priscila Lima de Sousa. - 2014.
71 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.
"Orientação: José Marcos Rosendo de Souza, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Escolarização da Literatura. 2. Livro Didático. 3. Conto.
I. Título.

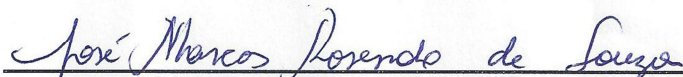
21. ed. CDD 808

PRISCILA LIMA DE SOUSA

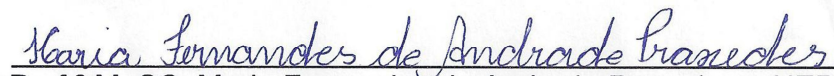
**A ESCOLARIZAÇÃO DO GÊNERO LITERÁRIO CONTO NO LIVRO DIDÁTICO
PORTUGUÊS: LITERATURA, GRAMÁTICA E PRODUÇÃO TEXTUAL**

Aprovado em: 27 de Novembro de 2014

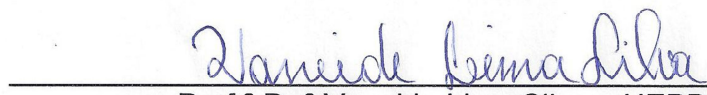
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. José Marcos Rosendo de Souza – UEPB
Orientador



Prof.^a M. SC. Maria Fernandes de Andrade Praxedes – UEPB
Examinadora



Prof.^a Dr.^a Vaneide Lima Silva – UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por iluminar a minha caminhada.

Aos meus pais João Jardelino e Maria Neta, mestres da minha vida. Obrigada pelo amor e apoio incondicional, pelo carinho e dedicação e por fazer de mim o que sou hoje.

Ao meu irmão Gustavo Thadeu que se alegra com as minhas conquistas.

A minha família, a minha base, que de forma direta ou indireta me apoiou nessa caminhada em busca do meu sonho.

Agradeço ao meu marido, amigo, companheiro de todas as horas Joseildo Freitas pelo amor, respeito, dedicação. Deus me presenteou da forma mais bela quando o colocou no meu caminho.

Agradeço a todos os docentes que fazem parte do curso de Letras, que foram fundamentais na minha jornada acadêmica, em especial ao meu orientador, professor José Marcos Rosendo de Souza pela sua dedicação, disponibilidade, atenção, paciência, ensinamentos e incentivos.

As minhas amigas, as irmãs que a vida colocou no meu caminho, que admiro muito, que não tenho palavras para expressar o quanto são especiais e importantes Lândya Oliveira, Patrícia Santos, Genilma Carneiro, Francisca Janaíres, Francisca Pereira, Ritinha Sousa, Dayanne Jéssica, Tércia Camila, Jaline Andrade, Jacqueline Andrade, Luciana Martins, Karla Cynthya. Só posso dizer muito obrigada por tudo.

Aos meus amigos Júnior Oliveira e Patrício Carneiro, que sempre estiveram presentes na minha vida.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram para a realização desse trabalho, que estiveram presentes na minha vida, que compartilharam ideias, sonhos, sorrisos, lágrimas.

“A leitura literária democratiza o ser humano porque elimina barreiras de tempo e de espaço, mostra que há tempos para além do nosso tempo, que há lugares, povos e culturas para além da nossa cultura, e assim nos torna menos pretensiosos, menos presunçosos – o sentido da relatividade e da pequenez de nosso tempo e lugar é condição essencial para a democracia cultural.”

Magda Soares

RESUMO

A literatura é uma das disciplinas mais importante no tocante a formação do aluno, pois permite o desenvolvimento das competências cognitivas e contribui no amadurecimento crítico por meio do seu poder transformador e humanizador. No entanto, passa por um processo de escolarização e o modo como aparece no livro didático precisa ser revisto e definido novos objetivos a fim de contribuir para um ensino significativo. O presente trabalho teve como objetivo analisar a presença dos contos no Livro Didático “Português: literatura, gramática e produção textual” de Leila Lauer Sarmiento e Douglas Tufano (2010). A pesquisa realizada é de caráter documental. Partindo do pressuposto de que vários estudos como o de Soares (2001) e Cosson (2014) apontam a redução do texto literário no livro didático, decidimos tomar um livro do terceiro ano do ensino médio e analisar o tratamento dado aos contos nesse material selecionado pelo MEC no Plano Nacional do Livro Didático e escolhido pelos professores de língua materna. O estudo procura demonstrar que apesar das mudanças e uma melhoria significativa na quantidade de contos presentes no livro didático, ainda se verifica a fragmentação, distorção e a recorrência de atividades de metalinguagem.

Palavras- chave: Escolarização da literatura. Livro didático. Conto.

A LITERARY GENRE TALE OF SCHOOLING IN TEXTBOOK "PORTUGUESE: LITERATURE, GRAMMAR AND PRODUCTION TEXTUAL"

ABSTRACT

Literature is one of the most important subjects regarding student education because it allows the development of cognitive skills in critical ripening and contributes through its transforming and humanizing power. However, undergoes a process of education and the way it appears in textbooks need to be revised and set new goals to contribute to a meaningful education. This study aimed to analyze the presence of short stories in Portuguese Textbook: literature, grammar and textual production Leila Lauer Sarmiento and Douglas Tufano 1st edition (2010). The survey is a documentary character, assuming that several studies such as Soares (2001) and Cosson (2014) suggest the reduction of the literary text in the textbook, we decided to take a book from the third year of high school and analyze treatment of the tales in this teaching tool. The study seeks to demonstrate that despite the changes and a significant improvement in the amount of tales present in the textbook, there is still fragmentation, distortion, and the recurrence of meta activities.

Key word: Schooling literature. Textbook.Tales.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
2. GÊNEROS LITERÁRIOS: Conto e suas possíveis definições.....	08
3. A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA.....	11
3.1 A presença da literatura na escola.....	14
3.2 A literatura no livro didático.....	16
4. ABORDAGEM DO CONTO NO LIVRO DIDÁTICO PORTUGUÊS: LITERATURA ESCOLARIZADA.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXOS.....	33

INTRODUÇÃO

O ensino da literatura é importante na vida do educando, pois com seu poder transformador e agregador, educa e conduz o sujeito a tornar-se ativo, reflexivo e atuante, capaz de transformar-se e modificar sua realidade, contribuindo para a formação ética e cultural que pode possibilitar o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico. Entretanto, a literatura passa por um processo de escolarização, pois a forma em que está inserida no livro didático exige que novos objetivos sejam definidos e possam contribuir para um ensino significativo.

Desse modo, o ensino da literatura deve estar voltado para o texto literário, a leitura, pois a partir dela será possível o desenvolvimento da percepção crítica, no qual o aluno será capaz de analisar, compreender, interpretar e estabelecer uma intertextualidade com outros textos, dando significado aos mesmos. Para isso é fundamental propor ao aluno o contato com textos literários, podendo partir dos gêneros literários tais como: contos, poemas, romances e, assim, trabalhar a literatura, sem fazer desta, fragmentos, que não despertam o interesse e a curiosidade.

Os gêneros literários, tradicionalmente indicados como lírico, dramático e narrativo, estão presente no cotidiano escolar. Assim, o conto é um bom exemplo e pode ser entendido, na maioria das vezes, como uma narrativa curta, porém eloquente, que apresenta poucos personagens, ações, tempo e espaço reduzidos e podem atrair o leitor. Assim, como outros gêneros literários, o conto é inserido e escolarizado no livro didático. Diante disso, a nossa problemática gira em torno da escolarização do gênero literário conto no Livro Didático de Língua Portuguesa. Desse modo, esse trabalho tem como objetivo analisar a presença dos contos no Livro Didático *Português: literatura, gramática e produção textual*, de Leila Lauer Sarmiento e Douglas Tufano 1ª edição (2010).

Desse modo, a pesquisa é de caráter documental, na qual será realizada uma análise no livro didático, afim de constatar se há fragmentação, distorção ao ser transferido do seu suporte original, bem como se observará as atividades, se conduzem o aluno a uma reflexão ou mera reprodução. O interesse pela pesquisa surgiu pelo conto ser uma narrativa curta e que pode despertar o interesse dos alunos pela leitura, visto que a partir de pequenas leituras o aluno vai sendo instigado a ler grandes obras e tornar-se um leitor literário.

Tomando-se como fundamentação teórica os estudos de Magda Soares (2011) quanto á escolarização da literatura, a apropriação do texto literário pela escola e a forma como o mesmo é transferido do seu suporte original para o livro didático; Rildo Cosson (2014),no tocante ao letramento literário, a inserção da leitura literária nas aulas de literatura e as das Orientações curriculares para o ensino médio(2006), em relação ao que se espera alcançar no que diz respeito ao ensino de literatura.

O artigo encontra-se estruturado em três tópicos. No primeiro tópico, intitulado “Gêneros Literários: Conto e suas possíveis definições”, buscamos uma definição para o gênero conto. No segundo tópico, “A escolarização da literatura”, tecemos considerações como ocorre a escolarização da literatura ao ser transferida do seu suporte original para as páginas do livro didático, o ensino da literatura e o espaço destinado ao texto literário, como também procuramos discutir o tratamento dado a literatura nos livros didáticos. E a análise foi contemplada no terceiro tópico, “Abordagem do Conto no Livro Didático Português: Literatura Escolarizada.

2 GÊNEROS LITERÁRIOS: Conto e suas possíveis definições

Em busca de uma definição mais concreta e palpável para gêneros literários e, principalmente, para conceituação do gênero conto, adentramos primeiramente nos conceitos propostos por Bakhtin (2000), ou seja, aqui referimo-nos aos gêneros enquanto produção discursiva, e desse modo, uma possível definição para o gênero conto seria essa: uma produção discursiva que tem uma finalidade, dependendo do seu uso.

Para tanto, ao que se refere essa definição, é necessário compreendermos que a linguagem se processa em dois níveis discursivos, nos quais, dispõe de uma grande diversidade de gêneros do discurso, sendo que a linguagem decorre por meio de enunciados sejam eles orais e escritos, concretos e únicos, seja na conversa informal ou no discurso mais complexo e elaborado, visto que todo discurso é modelado por um tipo de gênero em uso e cada esfera social produz determinado tipo de gênero.

Diante disso, Bakhtin (2000) caracteriza esses gêneros em dois tipos, primários e secundários. Os Gêneros Primários referem-se as situações de comunicação do cotidiano, não elaborado, informal. Já os gêneros secundários

aludem a situações mais complexas, elaboradas e formais. Sendo, que os gêneros secundários se originaram dos gêneros primários.

O gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstância de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies que se constituíram em circunstância de uma comunicação verbal espontânea. (BAKHTIN, 2000, p. 281)

A palavra gênero se origina do latim *genus-eris* e refere-se, a origem, tempo¹, porém, no próprio tempo a linguagem evolui e os gêneros literários, conforme Soares (2007), são categorias de composição literária e estão divididas, desde a antiguidade em três grupos: lírico, dramático e narrativo, sendo um gênero secundário por fazer uso de uma linguagem mais específica nesse campo da linguagem.

De acordo com os conceitos de Samuel (2002), o gênero lírico se apresenta, na maioria das vezes, em versos, aborda musicalidade nas palavras, com predominância de elementos essenciais que o compõem como: o ritmo, melodia e sonoridade. O gênero dramático, por sua vez, é composto de textos que foram escritos para serem apresentados e encenados por meio de peças teatrais para grandes públicos. Já o gênero narrativo trata de fatos históricos, imaginários ou não, realizados por personagens em tempo e lugar determinados. Apresenta uma história com início, clímax e desfecho. Os principais textos narrativos são os romances, novelas, crônicas, ensaios e contos.

O gênero épico apresentativo, narrativo, se faz por acréscimo de partes, conta uma estória, apresenta fatos, com adição de cada parte. [...] O gênero lírico, musical e subjetivo, canta e embala, fala de si e quase sempre para si mesmo, suave, tende a um isolamento. O gênero dramático é o gênero das emoções fortes, do teatro, do grande público, da multidão, dos oradores políticos, dos discursos nas praças públicas, do debate na TV. (SAMUEL, 2002, p. 41)

¹ Neste trabalho, utilizamos a origem e o conceito de gênero do site <<http://www.ciberduvidas.com/pergunta.com.br>> Acesso em 03 de set. de 2014.

Nesse caso, o conto enquanto gênero advém de uma situação comunicativa mais simples, mas que pelo desenvolvimento da linguagem ganhou complexidade. Antes, o conto era contado de forma espontânea, através da oralidade em que as pessoas contavam suas experiências, o que se passava no seu cotidiano, a sua volta, não tinha autoria definida. Com o passar do tempo a linguagem evoluiu, se transforma e o conto passa a ser gênero literário secundário mediado pela escrita, elaborado, organizado.

Visto que o conto é uma narrativa em prosa, menor que as novelas e romances, é imprescindível em alguns a concisão, a linguagem simples, presença de poucos personagens, tempo e ambiente reduzidos. Soares (2007, p. 54) frisa que “é a designação da forma narrativa de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias”.

O eixo narrativo do conto, na maioria das vezes, aborda um só conflito, drama e ação, assim, por ser uma narrativa curta, porém eloquente, o leitor logo toma conhecimento do clímax e do final.

O conto é um gênero literário, baseado ou não em fatos reais, protagonizado por um grupo reduzido de personagens. [...] O conto caracteriza por apresentar uma estrutura relativamente simples (introdução, desenvolvimento ou clímax e desenlace ou desfecho). (FERNANDEZ, 2012, p. 189)

No Brasil destacam-se vários contistas, entre eles: Machado de Assis, Aluisio de Azevedo, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles, entre outros. Muitos escritores utilizam o conto para lançar críticas e retratar a realidade de uma sociedade, visto que é um meio rápido de transmitir uma mensagem carregada de emoção, fantasia, imaginação e críticas.

De acordo com o Scliar (1996), o conto é diferente das novelas, pois não se prende em detalhes secundários, não há espaço para palavras e frases descartáveis, é a forma mais organizada e linear de escrever prosa.

Eu valorizo mais o conto como forma literária. Em termos de criação, o conto exige muito mais do que o romance...Eu me lembro de vários romances em que pulei pedaços, trechos muito chatos. Já o conto não tem meio termo, ou é bom ou é ruim. É um desafio fantástico. As limitações do conto estão associadas ao fato de ser um gênero curto, que as pessoas ligam a uma ideia de facilidade; é por isso que todo escritor começa contista. (SCLIAR, 1996)

Nas escolas, os professores se utilizam do gênero literário conto, visto que muitos alunos não possuem o hábito de ler, desse modo os educadores fazem uso de textos mais curtos e atrativos a fim de despertar o interesse pela leitura por prazer. Conforme Malard (1985, p. 12)“O melhor caminho para se aprender a literatura é a leitura. Ler poemas, contos, romances, crônicas etc., antigos e atuais, de preferência inteiros”.

Então, a partir do hábito de ler pequenos textos, de diferentes gêneros e estilos, com realizações de leituras significativas, prazerosas em que despertam a atenção e a emoção do leitor, o aluno vai sendo instigado a ler grandes obras, desse modo será possível a formação de bons leitores de literatura.

Portanto, acredita-se que o conto por meio da sua linguagem ora erudita, ora inventiva, mas que pode alcançar certos leitores, tendo em vista que está carregado de intencionalidade, fantasia, críticas, com pequenas ações, poucos personagens e que o leitor em pouco tempo pode tomar conhecimento do seu final.

3 A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA

A escolarização da literatura se dá quando a escola toma posse do texto literário, atribuindo-lhe um estilo didático e pedagógico, ou seja, com exagero de informações, regras, classificações e definições que por diversas vezes descaracteriza o seu caráter literário. Mas, não podemos evitar a escolarização da literatura, pois a mesma está associada ao cotidiano escolar, porém, o que torna isso negativo é o modo como a literatura é escolarizada e como a mesma é inserida nos livros didáticos. Diante disso, o ensino da literatura nas escolas, na maioria das vezes acontece de forma descontextualizada, fragmentada, no qual o texto é transferido do suporte original, descaracterizando-o e distorcendo o verdadeiro caráter do texto literário.

[...] O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.(SOARES, 2011, p 22)

A forma mais presentificada e inadequada da escolarização da literatura nas escolas ocorre através da distorção do texto literário ao ser transferido para o livro didático, no qual, o mesmo é alterado, transformado, resultando na perda de elementos essenciais que o compõe, assim o aluno irá julgar a obra pela parte como salienta Soares (2011, p.25) “a literatura se apresenta na escola sob a forma de fragmentos [...] certamente é nesta instância que a escolarização da literatura é mais intensa; e é também nesta instância que ela tem sido mais inadequada”.

Desse modo, a escola não dizima a literatura, mas sim o exagero de didatismo, de conceitos e regras cristalizadas, que impedem possíveis interações entre o leitor e a obra, aniquilando o prazer pela literatura, na perspectiva de um ensino engessado, estanque, que resulta na dominação escolar sobre o texto literário, conforme esclarece Walty (2011, p. 51-52)

Não é a escola que mata a literatura, mas o excesso de didatismo, a burocracia do ensino acoplado a regras preestabelecidas, as normas rígidas e castradoras. Em suma, o uso inadequado do texto literário, fragmentado, deslocado, manipulado, levaria a sua subordinação ao jugo escolar.

Os textos literários ao serem transferido do seu suporte original para o livro didático sofrem alterações na estrutura e ilustração, fragmentação e distorção, perdendo sua qualidade. Desse modo, o texto pode tornar-se um fragmento incoerente, incompleto e incompreensível, isento de literariedade, pois impede os alunos de apreciarem o maravilhoso, o encantador que existe em cada obra, de cada autor, de modo que aniquila o encanto da literatura.

O que acontece é que o texto do autor é desnecessariamente alterado, perde algumas de suas qualidades, é mesmo, de certa forma, distorcido – uma escolarização inadequada, fundamentada em pressupostos errôneos. (SOARES, 2011, p. 39)

Sendo assim, o texto literário, ao ser transportado para as páginas do livro didático, deixa de ser um texto que sensibiliza e humaniza, que conduz o leitor a ir além das entrelinhas, com a liberdade para fazer suas próprias interpretações, questionamentos, críticas e atribuir-lhe sentido a todos os vazios deixados pelo autor ou no processo de leitura que se dá entre autor – texto - leitor. Soares (2011, p. 43) afirma que: “Assim, ao ser transferido do livro de literatura [...] para o livro escolar, o

texto literário deixa de ser um texto para emocionar, para divertir, para dar prazer, torna-se um texto para ser estudado”. Desse modo, torna-se um texto escolar, apenas, para ser estudado por meio de repetitivos conceitos, fragmento de textos literários, com perguntas pré-moldadas e respostas fechadas.

Então, é preciso que essa transposição respeite a essência do texto, sem deturpar, falsificar, fragmentar, distorcer e negar o seu caráter literário. De acordo com Soares (2011, p. 42) “é preciso fazê-lo respeitando o que é a essência caracterizadora do texto, é preciso fazê-lo sem distorcer, desvirtuar, desfigurar; em síntese: [...] que essa escolarização obedeça a critérios que preservem o literário”.

Todavia, a escola tem apresentado posturas tradicionais no tocante ao ensino de literatura e isso pode distanciar o aluno do texto literário, fazendo-o criar aversão, pois a forma como a literatura é apresentada ao aluno é decisiva para determinar o sucesso ou insucesso para despertá-lo ao interesse pela leitura literária. Por isso, é necessário que seja proporcionado aos alunos um encontro entre eles e o texto literário.

Desse modo, no tocante a leitura, a maioria das escolas não vem formando leitores de literatura e muitas vezes torna o texto literário pretexto para estudos gramaticais.

[...] Ao invés de levar os alunos a um conhecimento mais profundo da realidade, a leitura, na maior parte das vezes, tem servido a propósitos de memorização de normas gramaticais, reprodução de dogmatismos, celebrações cívicas, aumento do vocabulário, motivação para redação e estilemas literários. (SILVA, 1988, p. 100)

Portanto, o texto literário deve estar ligado a vida, pois quando aparece desvinculado do contexto do aluno e fragmentado, ao invés de auxiliá-lo, dificulta o prazer pela leitura. É necessário que os docentes repensem seus métodos e metodologias rompendo com as posturas tradicionais que afastam os alunos do texto. O ensino adequado da literatura conduz os alunos a compreensão da realidade, tornando-lhe um ser criador, crítico, dinâmico, transformador e apto a novos saberes.

Não devemos nos prender a questão de que a literatura deve ou não ser escolarizada, mas fazer com que ela aconteça de modo adequado ao ser transferido para o livro didático, respeitando a essência do texto literário, com todas as

emoções, sentimentos e inquietações que ele nos provoca no decorrer da leitura, sem se tornar um mero texto escolar e respeitando a integridade do texto original.

3.1 A presença da literatura na escola

A prática de ensino de literatura, atualmente, nas escolas ainda se distancia bastante do que propõe as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, pois o ensino que permeia as aulas está relacionado a história da literatura, características das escolas literárias com seus principais autores e suas referentes obras. Todavia, a definição adotada como base do ensino escolar diverge do esperado por Candido (2004, p. 186).

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, que pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão do mundo ela nos reorganiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade.

A LDBEN Nº 9.394/96 artigo 35, que recomenda os objetivos que devem ser alcançados pelo ensino médio, contempla a reflexão e as habilidades que permitem o amadurecimento do ser que se educa enquanto sujeito ativo, reflexivo e transformador.

I) consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos;

II) preparação básica para o trabalho e para a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III) aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. (BRASIL, 2006, p. 53)

São requisitos que salientam a importância da formação de um sujeito leitor, autônomo e consciente, para exercer as várias funções sociais dentro da sociedade. E, para que os mesmos possam ser cumpridos, é preciso que o ensino de literatura adote um caminho oposto ao que é realizado nas escolas, pois no ensino médio, se tem uma visão superficial da literatura, no qual, é apresentada como uma disciplina

centrada no ensino historiográfico e biográfico. E a leitura dos textos literários está a serviço para confirmar as informações da história e dos dados biográficos.

No ensino médio, o ensino da literatura limita-se a literatura brasileira, ou melhor, a história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores. [...] Os textos literários, quando aparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes nomeadas. (COSSON, 2014 p. 21)

Assim, o ensino da literatura está perdendo seu espaço, não é mais ensinado com o objetivo de humanizar, porém, no intuito de cumprir com programas curriculares, informar, caracterizar, conceituar. A respeito disso, Cosson (2014, p. 23) enfatiza que “estamos diante da falência do ensino da literatura. [...] O certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”

É preciso superar as barreiras no tocante ao ensino de literatura que está enraizado em um ensino que ocorre em torno da repetição da história da literatura, em memorizar as características das escolas literárias com seus principais autores e respectivas obras. Um ensino conduzido à luz de uma prática que nega a literatura enquanto arte que educa e humaniza estabelecendo ao ensino de literatura valor utilitário, o texto literário a serviço do estudo da gramática, produção textual, leituras de fragmentos com questionários descontextualizados.

Não podemos deixar de lembrar que o contexto histórico é importante, mas o mesmo deve ser acompanhado pela leitura das obras. Por isso mesmo Pinheiro (2006, p.114) salienta: “Primeiro ler... diferentes textos, de diferentes gêneros, de épocas diferentes, por que não? E depois, bem depois, a partir dos textos lidos, lembrando do método de Aristóteles, ir formulando com eles os conceitos”.

O autor nos sugere um caminho que talvez pode ser o melhor a ser seguido, pois o ensino da literatura deve iniciar com o contato dos educando com a obra literária, lendo variados textos de épocas e estilos diferentes e a partir do conhecimento e das experiências adquiridas, através das leituras realizadas, professor e o aluno começam a articularem os conceitos literários.

O texto literário não se restringe a mera decodificação, entretanto revela-se carregado de reflexão e interpretação que permite o leitor a liberdade de explorá-lo,

conhecer e dialogar com outras realidades. De acordo com as OCEM (BRASIL, 2008, p. 49):

[...] o discurso literário decorre, diferentemente dos outros, de um modo de construção que vai além das elaborações linguísticas usuais, porque de todos os modos discursivos é o menos pragmático, o que menos visa a aplicações práticas. Uma de suas marcas é sua condição limítrofe, que outros denominam transgressão, que garante ao participante do jogo da leitura literária o exercício da liberdade, e que pode levar a limites extremos as possibilidades da língua [...]

Portanto, é por meio do contato com a literatura que o educando vai descobrir as diversas faces do conhecimento, o encanto da leitura literária que supera a realidade alienante e provoca o aperfeiçoamento da leitura crítica e reflexiva, então o aluno não pode ser privado desse contato, tendo em vista que para a maioria a escola é o primeiro local que a literatura é apresentada.

3.2A literatura no livro didático

O livro didático encontra-se presente no cotidiano escolar, assim o conhecimento literário na maioria das vezes fica restringido ao mesmo, e os livros didáticos tem que abranger conteúdos relacionados a literatura, gramática e produção textual e em decorrência disso há uma grande disputa por espaço entre os conteúdos, visto que alguns são privilegiados e outros são deixados em segundo plano.

Nos dias atuais, o livro didático serve como instrumento de apoio na prática docente dos professores, porém, este material foi ocupando seu o espaço, e sendo eleito como único e exclusivo material didático para alguns docentes.

[...]O LD [livro didático] tem sido o principal ou o exclusivo meio de acesso ao mundo da escrita. E o LDP [livro didático de português], com suas atividades de estudo de texto, o instrumento por excelência de aprendizagem da leitura e de concepção do que deva ser uma “boa” leitura. (RANGEL, 2007, p. 131)

Uma das principais propostas do livro didático é auxiliar o professor no processo de aprendizagem dos alunos, entretanto, não é bem isso que ocorre, pois na maioria das vezes, os livros estão incoerentes ao que se propõe, o que se

encontra são fragmentos das obras literárias, são atividades que anulam a interpretação e seu significado, desse modo, não provocam a curiosidade do leitor nem a capacidade crítica de interpretar e compreender o texto de modo mais aprofundado.

Acreditamos que os manuais didáticos poderão a médio e longo prazo, apoiar mais satisfatoriamente a formação do leitor da literatura rumo à sua autonomia. Se isso ocorrer, os livros didáticos deverão manifestar sua própria insuficiência como material propício para a formação plena de leitores autônomos da literatura, ao incluir, nas suas propostas didáticas, a insubstituível leitura de livros. (BRASIL, 2008, p. 64)

As questões abordadas pelos livros didáticos, geralmente, não aguçam o interesse do aluno pela leitura literária, pois são atividades mecânicas, de reprodução, constituídas de questionamentos do tipo: cite as características da escola literária, a que movimento literário pertence determinado texto? Quais os principais autores e obras? Transcreva determinado trecho. São atividades que subestimam a capacidade crítica e o avanço do ser que se educa.

No Brasil, como se sabe, o processo de legitimação do que se deve e do que não se deve ler tem se realizado principalmente por meio de livros didáticos, pela via fragmentada dos estilos de época, os quais historicamente vem reproduzindo não só autores e textos característicos dos diferentes momentos da História da Literatura brasileira e portuguesa, como as modas de ler e seleção. (BRASIL, 2006, p. 42)

Dessa forma, o livro didático acaba definindo as leituras literárias a serem realizadas, sendo que as mesmas são inseridas fragmentadas e resumidas no livro didático. Por isso, é necessário escolher bem os textos literários e inseri-los de acordo com o contexto dos alunos, utilizando metodologias que preservem a beleza do texto literário e possam despertar o interesse do educando e aguçar seu senso crítico. Isto pode partir de textos curtos e atuais e aos poucos sugerir leituras que exijam cada vez mais do leitor.

Assim, o texto literário proporciona ao aluno o exercício da liberdade, de modo que o mesmo pode refletir sobre si próprio e sobre o mundo que o rodeia desenvolvendo um comportamento mais crítico e autônomo.

A literatura busca desvendar o texto literário indo bem além do que está escrito na página. É na experiência única realizada por cada sujeito, através do seu repertório, para assim chegar à outra margem, não a do texto ao adentrar na obra, mas a terceira, criada pela interação entre as vivências do interlocutor com o mundo proposto pelo universo ficcional. (RAMOS, 2004, p. 107)

Desse modo, é preciso proporcionar leituras prazerosas, o contato com a obra literária, a fim de formar bons leitores e que o conhecimento literário não fique reduzido ao livro didático, visto que o mesmo não pode ser a única fonte de textos literários, pois provoca uma descaracterização e empobrece as aulas de literatura. “O que estou querendo dizer é que deveríamos fugir dos esquemas dos livros didáticos de literatura que sempre iniciam oferecendo conceitos e quase nunca colaboram para despertar o interesse pela literatura” (PINHEIRO, 2006, p. 113).

Não é interessante que o docente se utilize apenas dos textos trazidos nos livros didáticos, mas que esteja sempre buscando maneiras de inovar e persuadir seu aluno, pois quando os conceitos inseridos nos livros didáticos são cristalizados, transformados em “verdades absolutas”, isso paralisa o processo de leitura, por meio de conceitos fechados, fragmentos dos textos literários, com suas perguntas que desconsidera o aluno como sujeito capaz de ler, compreender e interpretar.

O manual, como instrumento concebido para facilitar o trabalho de aluno e professores, é também um instrumento concebido para dirigi-lo. No fundo do manual, e sob as diversas mascaras que ele adquire, encontra-se uma concepção de ensino-aprendizagem que deve ser analisada e criticada e da qual ele é sintoma. Trata-se de uma concepção, como diria Paulo Freire, “bancária”, porque concebe o aluno como um cofre vazio a ser recheado de conhecimento para alguma – o professor – que tenha sido submetido ao mesmo processo de “aprendizagem”. Mas um professor transformado em simples interesse diário do saber alheio – do autor do manual. (CHIAPPINI, 2005, p. 96)

A autora adverte para o efeito pacato e estanque que o livro didático propõe para o processo de aprendizagem do educando. Assim, a supervalorização do livro didático transforma o aluno num receptor passivo das informações transmitidas e o professor num seguidor e intermediário dos autores dos livros didáticos, negando o processo da aprendizagem, que requer de ambos o difícil trabalho de refletir.

Portanto, o livro didático não pode ser a única metodologia adotada para ensinar literatura, é preciso fomentar a leitura das obras literárias a fim de formar leitores capazes de tornar-se apreciadores de literatura.

Nesse sentido, além dos esforços para mudar as orientações teóricas e metodológicas da Literatura no livro didático, chama-se a atenção para a necessidade de formação literária dos professores de português, sobre tudo no âmbito da proximidade de com a pesquisa e consequentemente do vínculo com a universidade, em percurso de mão dupla, já que essa não pode jamais esquecer seu compromisso com a educação básica. Além de mediador de leitura, portanto leitor especializado no âmbito da teoria literária. (BRASIL, 2006, p. 75)

Desse modo, as práticas metodológicas só alcançarão suas metas, mediante ao professor formado e preparado, assim reforça-se a importância da formação continuada do professor de português.

Diante do exposto, fica evidente que o ensino de literatura pautado nos livros didáticos necessita de uma reestruturação, que a forma mais viável de promover a literatura é a partir de práticas de leitura, do contato direto com obras completas e não apenas com fragmentos e resumos contidos nos livros didáticos.

4 ABORDAGEM DO CONTO NO LIVRO DIDÁTICO PORTUGUÊS: LITERATURA ESCOLARIZADA

Nesta parte do trabalho apresentamos uma análise realizada no livro didático de língua portuguesa “Português: Literatura- Gramática – Produção textual” de Leila Lauer Sarmiento e Douglas Tufano, 1ª edição (2010) do 3º ano do ensino médio. A leitura atenta do livro didático possibilitou identificar a presença dos contos nos capítulos 1,2,3 e 5. O primeiro capítulo é dedicado ao “Modernismo em Portugal”, no qual encontramos os contos “O Mago” de Miguel Torga e “História de um parto” de Fernando Namora. O segundo capítulo, intitulado “O pré-modernismo” encontramos o conto “Negrinha” de Monteiro Lobato. No terceiro capítulo, que aborda “A primeira fase do modernismo” encontramos o conto “Monstro de rodas” de Antônio de Alcântara Machado. E no quinto capítulo, dedicado a “Prosa brasileira depois de 1945”, encontramos os contos “Uma amizade sincera” de Clarice Lispector e “As Pérolas” de Lygia Fagundes Telles.

Vale salientar que o livro didático abordava mais contos, porém, diante da brevidade desse trabalho, selecionamos alguns, precisamente, dos capítulos iniciais e finais, pois observamos que a proposta de análise desse gênero é conduzida sob a mesma perspectiva nesse manual.

A escolarização da literatura já recebeu atenção de muitos pesquisadores e apesar de muitas críticas ao tratamento dado, essa abordagem de ensino ainda exige um olhar mais crítico e minucioso.

Observamos que o livro didático traz um número significativo de contos, entretanto a maneira como estes são tratados merece uma atenção, haja vista que muitos são escolarizados de forma negativa, por meio de alterações, distorções e fragmentos e as atividades no tocante a interpretação muitas vezes se remetem a estudos gramaticais, pontuação, descrições.

Observando a abordagem do conto “Mago”, verificamos que este sofreu uma alteração no nome da personagem principal, Maria da Glória Saneia, que ao ser transferido para a página do livro didático é nomeado Maria da Glória Sância, como podemos observar o fragmento 1.

Mago respirou fundo. Abriu o nariz e encheu o peito de ar ou de luar, não podia saber ao certo, porque a noite era uma mistura de brisa e claridade. Mas fosse de frescura ou de luz a onda que bebera dum trago, de tal modo o inundou, que em todo o corpo lhe correu logo um frêmito de vida nova. Esticou-se então por inteiro, firmado nas quatro patas, arqueou o lombo, e deixou-se ficar assim alguns instantes, só músculos, tendões e nervos, com os ossos a ranger de cabo a rabo. Arre, que não podia mais! Aquele mormaço da sala dava cabo dele. Punha-o mole, sem ação, bambo e morno como o cobertor de papa onde dormia. A que baixeiras a gente pode chegar! Ah, mas tinha de acabar semelhante vergonha! Não pensasse lá agora a senhora D. Maria da Glória Sância que estava disposto a deixar-se perder para sempre no seu regaço macio de solteirona! Não faltava mais nada! De resto, ali tinha já a primeira demonstração: ela a ressonar sozinha na cama fofa, enquanto ele enchia os pulmões de oxigênio e de liberdade. É certo que a deixara primeiro adormecer, e só então, brandamente, deslizara de seus braços para o tapete e do tapete para a rua, através do postigo da cozinha. Uma

Essa transgressão pode ser percebida abaixo, no trecho original do conto.

Mago respirou fundo. Abriu o nariz e encheu o peito de ar ou de luar, não podia saber ao certo, porque a noite era uma mistura de brisa e claridade. Mas fosse de frescura ou de luz a onda que bebera dum trago, de tal modo o inundou, que em todo o corpo lhe correu logo um frémido de vida nova. Esticou-se então por inteiro, firmado nas quatro patas, arqueou o lombo, e deixou-se ficar assim alguns instantes, só músculos, tendões e nervos, com os ossos a ranger de cabo a rabo. Arre, que não podia mais! Aquele mormaço da sala dava cabo dele. Punha-o mole, sem acção, bambo e morno como o cobertor de papa onde dormia. A que baixezas a gente pode chegar! Ah, mas tinha de acabar semelhante vergonha! Não pensasse lá agora a senhora **D. Maria da Glória Saneia** que estava disposto a deixar-se perder para sempre no seu regaço macio de solteirona. Não faltava mais nada! De resto, ali tinha já a primeira demonstração: ela a ressonar sozinha na cama fofa, enquanto ele enchia os pulmões de oxigénio e de liberdade. É certo que a deixara primeiro adormecer, e só então, brandamente, deslizara dos seus braços para o tapete e do tapete para a rua, através do postigo da cozinha.

Ao analisarmos a significação do nome, subentendemos a relação semântica entre os nomes, pois Maria da Glória é bíblico e está associada a virgem Maria, a bem-aventurada, e Sância significa sagrado².

Após a leitura do fragmento 1 verificamos que é abordado a partir de um questionário composto de 5 questões. Sendo que as questões 1, 2 e 3 testam a compreensão do aluno em torno do conto. Conforme fragmento do Livro didático abaixo:

- 1 Que tipo de narrador foi usado nesse conto?
 - A escolha do foco narrativo é muito importante em um texto. Que efeito foi produzido pela escolha desse tipo de narrador?
- 2 Por que Mago sai de casa naquela noite?
 - O que acontece com ele quando reencontra os antigos amigos?
- 3 Ao longo do conto, Mago parece enfrentar um dilema, mas, no final da história, é possível perceber que esse dilema não era real. Que dilema seria esse?
 - a) Por que esse dilema não era real? Copie, em seu caderno, um trecho do texto que comprove sua resposta.
 - b) Como Mago se sentia por fazer essa escolha?
- 4 A fábula é um gênero textual em que as personagens são animais e em que há sempre um fundo moral. Você acha que o conto “Mago” tem características de uma fábula? Explique.
- 5 Esse conto foi escrito em 1940. Em sua opinião, o dilema sugerido nessa história ainda pode ser considerado atual? Por quê?

² Neste trabalho, utilizamos os significados dos nomes Maria da Glória e Sância dos sites: <[http:// WWW.nomesportugueses.blogspot.com.br](http://WWW.nomesportugueses.blogspot.com.br)>. Acesso em: 01 de Nov. de 2014. E <<http://www.significadodonome.com.br>>. Acesso em 01 de Nov. de 2014

De acordo com as OCEM (ECO *apud* BRASIL, 2006, p. 67) os textos literários nos possibilita que os conhecimentos adquiridos a partir da leitura se entrelace com nossa própria experiência de vida permitindo a liberdade para interpretar e a troca de opiniões “[...] As obras literárias nos convidam á liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem da vida”

Ainda em relação ao exercício referente ao fragmento 1, a questão 4 apresenta hibridismo do gênero literário, ou seja, a mistura de gênero, requer que o aluno tenha um conhecimento prévio do que seja uma fábula. E a questão 5, é dedicada a temática desenvolvida no conto, conduz o aluno a refletir se a mesma, apesar de ser escrita em um contexto temporal e específico do autor é possível uma discussão atual.

No próximo fragmento, verificamos que o conto “História de um parto” encontra-se fragmentado resultando em um texto incompleto, com perdas de elementos que o compõem. Como pode se ver no fragmento 2.

/E ali fiquei, humilde, embrutecido, perante a comadre escura que me vigiava. Os olhos dela, vorazes, eram mais temíveis do que esse ventre ^{desgastado} estafado de esforços vãos, do que a bacia estreita que se opunha à vida. Esperei minutos, horas, para me decidir àquilo que desde logo me pareceu indicado: uma intervenção com os medonhos ferros que são o pesadelo das parturientes e das famílias aldeãs/[...] ^{parto} ^{perdeu uma parte}

Num mutismo que não dava esperanças a ninguém, pensava que caminho devia escolher: expulsar dali a comadre, desempenhando de vez o meu papel, procurando aliviar-me de todos os pesos e dúvidas estranhas que enredavam as minhas decisões de médico, ou esperar que algum imprevisto viesse robustecer-me a minha ridícula posição.

Desse modo, a fragmentação ocorrida no livro didático pode ser verificada no trecho original do conto a seguir.

“E ali fiquei, humilde, embrutecido, perante a comadre escura que me vigiava. Os olhos dela, vorazes, eram mais temíveis do que esse ventre desgastado de esforços vãos, do que a bacia estreita que se opunha à vida. Esperei minutos, horas, para me dispor àquilo que desde logo me pareceu indicado: uma intervenção

com os medonhos ferros que são o pesadelo das parturientes e das famílias aldeãs. Até que a comadre, não suportando já as minhas hesitações, levou à frente das palavras um dedo sujo, antes que eu pudesse simular uma reacção, e enfiou-o nesse abismo insondável. E disse, sem meias-tintas:

– Se quer fazer alguma coisa, senhor Doutor, saiba que a criança está nas nalgas. Está presa no osso da robadilha.

Aquela frase ficou inteira nas minhas recordações, ainda hoje me assusta os ouvidos.

Num mutismo que não dava esperanças a ninguém, pensava que caminho devia escolher: expulsar dali a comadre, desempenhando de vez o meu papel, procurando aliviar-me de todos os pesos e dúvidas estranhas que enredavam as minhas decisões de médico, ou esperar que algum imprevisto viesse robustecer-me a ridícula posição”.

Percebemos, também, alterações e substituições de palavras, tais como (Fígaro/barbeiro, na aldeia/ casamento, boticário/farmacêutico, gemis/gemia, avançado/da terra, apreensão/ansiedade, avivado/aliçado, desgastado/estafado, negro/escuro, sinal/aceno, dor/angústia, raspá-la/rasgá-la, do campo/selvagens, pesar ou júbilo/e de alguns daqueles, ficou-se/ficou sempre, em/num).

Talvez essas alterações tenham ocorrido devido algumas palavras serem desconhecidas no tocante ao vocabular e contexto dos alunos, outras substituídas pelo seu sinônimo de preferência dos autores ou pelo fato de julgar a necessidade de inserir complementos aos trechos do conto para tornar mais compreensível a sua leitura. Sendo que tais alterações poderiam ser evitadas a partir de um vocabulário incluso após o conto.

Nesse caso, podemos inferir que, o livro didático em análise, os autores do livro didático esquecem de que a transposição do texto literário deve acontecer sem recortes, distorções, alterações, sem destruir seus elementos literários e, principalmente, sem aniquilar o gosto pela literatura. Conforme Soares (2001, p. 37) é “necessário que sejam respeitadas as características essenciais da obra literária, que não sejam alterados aqueles aspectos que constituem a literariedade do texto”.

- 1 No segundo parágrafo, o narrador de certa forma antecipa o desenvolvimento do conto. Explique.
- 2 Que importância tem no conto a cena em que o jovem marido da moça se alimenta?
- 3 A comadre ocupa o papel de antagonista nessa narrativa, embora todos ao redor do médico o questionem ao longo do conto. O que a oposição entre a comadre e o médico pode representar?
- 4 Por que esse conto pode ser considerado neorrealista? Em que aspectos ele se aproxima da prosa realista do século XIX?

No tocante a atividade referente ao conto “História de um parto”, observamos que as questões 1, 2 e 3 não aguçam o senso crítico do aluno apenas evoca respostas descritivas e fechadas e a questão 4, voltada para dados históricos, afim que o texto literário comprove e confirme as características do movimento neorrealista, limitando-se aos conceitos históricos, tendo em vista que anterior ao conto o livro didático apresenta o fragmento abaixo.

A geração neorrealista

Na década de 1940, surgiu uma terceira geração literária, que desenvolve sobretudo a prosa (romance e conto). Alguns autores fazem da literatura uma forma de leitura crítica da sociedade portuguesa da época, a conturbada época dos tempos difíceis da Segunda Guerra Mundial. Essa geração sofreu forte influência de alguns escritores norte-americanos (como Steinbeck, John dos Passos e Hemingway) e brasileiros (como Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego).

O **Neorrealismo**, nome com que ficou conhecido esse movimento, revelou prosadores importantes, tanto na linha social como na psicológica, dentre os quais podemos citar Ferreira de Castro, Fernando Namora, Alves Redol, Vergílio Ferreira, Carlos de Oliveira, entre outros.

Ainda em relação a questão 4 do fragmento 2, a mesma remete à uma exposição feita anteriormente no próprio livro didático.

Ao analisarmos o conto “Negrinha”, percebemos que ele não sofre alterações ao ser transferido para o livro didático. Então, fizemos uma análise no exercício referente ao conto proposto pelo livro didático.

1 Releia.

“Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno, porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho, porque disse: “Como é ruim, a sinhá!” ...

- a) Qual figura de linguagem predomina nesse trecho? Copie no caderno o item correto e explique por que o escolheu.

metáfora	hipérbole	ironia	eufemismo
----------	-----------	--------	-----------

- b) Ainda em relação a esse trecho, explique por que as aspas têm significado diferente em “Qualquer coisinha” e em “Como é ruim, a sinhá!”.

- 2** A mesma figura de linguagem que você identificou na questão anterior é usada com frequência na caracterização do personagem Dona Inácia.

- Transcreva no caderno duas passagens do texto em que isso ocorra; depois, explique qual papel tal figura de linguagem exerce na construção desse personagem.

- 3** Pode-se dizer que o narrador desse conto lembra um “contador de casos”, pelas marcas de oralidade que insere na narração.

- Copie no caderno trechos que justifiquem a afirmação acima.

- 4** Que sentido simbólico pode ter o fato de Negrinha não ter nome próprio?

- 5** “O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana.”

- a) Que consequências do regime escravocrata destaca o narrador nessa passagem?

- b) Que episódio envolvendo Negrinha ilustra essa “gana” de que fala o narrador?

- 6** O narrador, em certo momento, chama Negrinha de “coisa humana”. Por quê? Transcreva do texto essa passagem antes de responder.

- 7** Em certa passagem do texto, referindo-se a Negrinha, diz o narrador: “e essa consciência a matou”. O que ele quis dizer com isso?

- 8** “Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.” Essa afirmação do narrador reflete o ponto de vista sobre a mulher predominante na época em que o texto foi escrito. Qual era esse ponto de vista?

- Na sua opinião, como seria hoje a reação do público em geral diante de uma afirmação como essa?

- 9** Que visão crítica das relações sociais no Brasil está expressa nesse conto?

Observamos que a atividade referente ao conto “Negrinha” a questão 1, remete o aluno a fazer a identificação das figuras de linguagem, Por exemplo, utiliza um pequeno fragmento do conto. Percebemos isso de forma negativa, pois deveria explorar mais o sentido e não a classificação conceitual. Na questão 2, o enunciado pede a transcrição de trechos do conto, e para tentar enriquecer esse tipo de atividade, é necessário que o aluno explique a função da figura de linguagem utilizada. A questão 3 e 6, remetem a transcrição, reproduzir um trecho do conto que confirme a fala do narrador. Vale salientar, que os elementos linguísticos, literários e estilísticos que compõem o conto, não foram privilegiados nessa atividade, sendo que essas características são inerentes a construção da narrativa não podendo, assim, isolá-los.

Verificamos que o conto “Monstro de rodas” também não aparece alterado e fragmentado. Mas, fizemos uma análise enfatizando o exercício proposto pelo livro didático.

- 1 Explique o título do conto.
- 2 De acordo com o professor Valdevino Soares de Oliveira, apesar de Alcântara Machado “não haver escrito nada a respeito do cinema (parece que teoricamente o cinema não o preocupou), sua obra apresenta estreitas ligações com a técnica cinematográfica” (*Literatura: esse cinema com cheiro*. São Paulo: Arte e Ciência, 1998. p. 47).
 - Essa afirmação aplica-se ao conto lido? Por quê?
- 3 Que denúncia de injustiça social ocorre no texto?

Na questão 1, permite-se analisar o que sugere o título, no intuito de motivar aspectos cognitivos da leitura e o conhecimento prévio e de mundo do leitor, é possível levantar hipóteses a partir da questão. A segunda pergunta direciona para a relação intertextual, assim, a proposta dessa questão é relevante, no entanto, requer o conhecimento prévio do aluno, da outra obra. A questão 3 está voltada para denúncia social abordada no conto.

Ao analisarmos o conto “Amizade Sincera”, verificamos que se encontra igual ao original, sem distorções, fragmentações e alterações. Assim, realizamos uma análise no tocante ao exercício proposto pelo livro didático em relação ao conto.

- 1 Caracterize o narrador do conto.
- 2 “Éramos muito jovens e não sabíamos ficar calados.” Essa observação do narrador assinala um momento de crise na amizade. Explique.
- 3 Qual foi o primeiro fato que reanimou o entusiasmo e pareceu revigorar a amizade dos dois? E por que a situação, no fim das contas, acabou ficando pior?
- 4 “Porque então já tínhamos caído na facilidade de prestar favores.” O que essa observação do narrador revela sobre a situação dos dois amigos?
- 5 “Só muito tempo depois eu ia compreender que estar também é dar.” No contexto do conto, que significado pode ter essa observação do narrador?
- 6 Por que a separação dos “amigos” foi encarada com alívio pelos dois?
- 7 Acompanhando as memórias do narrador, é possível definir, afinal, o que é “uma amizade sincera”?

Nessa atividade, destacamos a questão 1, que conduz o aluno caracterizar o narrador, de modo que ele terá que ter compreendido o conto para responder. A pergunta 3, para o aluno alcançar a reflexão necessária para responder essa questão é necessário que o aluno releia o conto. E a questão 7 é direcionada para a reflexão, exige que o aluno se posicione.

Verificamos que no conto “As Pérolas” que algumas palavras foram incorporadas, tais como: (pensou, sorriu, zombeteiro, por incrível que aparecesse, voltou-se bruscamente, melíflua, demorado) outras substituídas e alteradas (assinavam\assinalaram, ela teve um gesto brusco\ ela arqueou a sobrancelhas, ficou ouvindo\sorriu ao ouvir, grampos\deles, gruta da mão\concha das mãos).

No próximo fragmento, fizemos uma análise enfatizando a atividade proposta pelo Livro Didático no tocante ao conto “As Pérolas”.

- 1 Explique o tipo de narrador que há no conto.
- 2 A narrativa explora duas dimensões do tempo: uma cronológica, que pode ser percebida na sequência de ações de Lavínia se preparando para ir à reunião; e outra psicológica, que é construída pelas lembranças e reflexões de Tomás, retomando o passado e pensando no presente e no futuro. Por que essas dimensões do tempo são fontes de angústia para o personagem Tomás?
- 3 Faça um estudo do espaço, destacando a oposição que se estabelece entre o quarto onde está Tomás e a varanda da casa onde haverá a festa.
- 4 Faça um estudo dos personagens e do relacionamento que há entre eles.
- 5 Que sentido figurado tem o episódio dos ratos da pensão, citado por Tomás? O que ele teria a ver com seu drama?
- 6 Por que Tomás teve a ideia de esconder o colar de pérolas? E o que pode significar o gesto de devolvê-lo a Lavínia?
- 7 Que sentido figurado pode ter o colar nesse conto?

No tocante a questão 1, seria possível responder esse questionamento sem antes conhecer algum tipo de classificação para o narrador? Acreditamos, que não. Logo, requereria uma exposição antecipada sobre isso. As perguntas 3 e 4 não está claro que tipo de estudo é proposto. E a questão 5 é direcionada para a releitura e qual o propósito dessa releitura? Seria para uma reflexão ou apenas responder?

As abordagens evidenciam, a fragilidade do ensino de literatura por meio do livro didático, que não permite que a literatura desempenhe seu papel de humanizar, pois o mesmo contribui para o empobrecimento e engessamento do ser que se educa a partir de fragmentos, alterações e adaptações que fazem o aluno recusar o texto literário por não estar completo e não conter informações imprescindíveis que dão sentido ao mesmo e algumas atividades respectivas aos contos não conduzem o aluno a refletir e produzir o seu próprio discurso.

Vale salientar, que o livro didático aponta pontos positivos e negativos. Em algumas questões o texto literário está serviço de estudos gramaticais, em respostas descritivas, já em outras questões conduz o aluno a refletir e se posicionar criticamente. Então, a literatura enquanto disciplina é capaz de contribuir na formação social e pedagógica, que estar longe do saber reprodutor e alienante, que tem o poder de formar cidadãos críticos, autônomos e consciente do seu papel na sociedade.

Desse modo, os livros didáticos necessitam de uma proposta de atividade que conduza o aluno a mergulhar na emoção, na fantasia, nas inquietações que o texto literário nos provoca, observar o poder das palavras, ser capaz de desenvolver uma posição crítica e não apenas ler e reproduzir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é fundamental no desenvolvimento crítico do aluno, sendo que para muitos a escola é o primeiro local em que a mesma é apresentada e, geralmente, por meio de fragmentos, da parte história e biográfica. Porém, o que torna essa prática de ensino negativa não é conhecer a história da literatura, mas limitar apenas a isso, não propiciar aos alunos o contato com a obra literária completa, não promover práticas de leitura que despertem o interesse e a curiosidade pelo texto literário e que possa aguçar seu senso crítico.

O presente estudo teve como objetivo analisar a presença dos contos no Livro Didático “Português: Literatura, Gramática e Produção Textual”. Desse modo, para alcançar nosso objetivo partimos da definição do gênero literário conto, como a escola se apropria do texto literário, a forma como ocorre a transposição para o livro didático, o espaço dado ao texto literário e como o livro didático em estudo aborda os contos e suas respectivas atividades.

Na pesquisa realizada evidenciamos que a transposição do texto literário para o livro didático é realizada a partir de fragmentos, alterações e substituições de palavras, cortes, supressões, que em algumas questões exploraram mais a classificação conceitual que o sentido e que os elementos linguísticos, literários e estilísticos que compõem o contos e são inerentes a construção da narrativa não são privilegiados nas atividades.

Apesar do livro didático de língua portuguesa *Português: Literatura, Gramática e Produção Textual*, apresentar uma quantidade significativa de contos, a literatura ainda é abordada de forma estanque, engessada, com atividades descontextualizadas, que não instigam o aluno a produzir seu próprio discurso, a ir além das entrelinhas, das imagens, reduzindo a um saber mecânico que distancia o aluno do texto e não contribui para a formação e o amadurecimento de um leitor crítico e competente.

Portanto, o ensino de literatura adotado pelo livro didático em estudo precisa ser reavaliado a fim de buscar alternativas que contribuam para um ensino significativo, voltado para a leitura das obras literárias, desse modo á reestruturação do ensino de literatura faz-se urgente, e novos objetivos precisam ser redefinidos para promover um ensino que seja capaz de motivar o aluno a ler por prazer, refletir, compreender e se posicionar criticamente diante do texto e garantir que a literatura exerça o seu papel de sensibilizar, educar e humanizar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL, Orientações Curriculares para o Ensino Médio: **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. MEC. Brasília, 2006

BRASIL, Orientações Curriculares para o Ensino Médio: **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. MEC. Brasília, 2008.

CANDIDO, Antonio. O direito á Literatura. IN: _____. **Vários escritos**. 4 ed. São Paulo: Duas Cidade, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CHIAPPINI, Lígia. **Reivenção da Catedral: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino**. São Paulo: Cortez, 2005.

EVANGELISTA, A. A. M; BRANDÃO, H. M. B; MACHADO, M. Z. V. (orgs). **Escolarização da leitura literária**. 2ª ed. 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FERNÁNDEZ, Gretel Eres. **Gêneros textuais e produção escrita: teoria e prática nas aulas de espanhol como língua estrangeira**. São Paulo: IBEP, 2012.

LEAHY, Cyanaet al. In: PAULINO, Graça & COSSON, Rildo (orgs). **Leitura literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **Amizade sincera**. Disponível em: <<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>> Acesso em 10 de set. de 2014.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. In: MORICONI, Italo (Org.). Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Antônio Alcântara. **Contos Paulistanos**. São Paulo: Ed Unesp, 2012.

MALARD, Leticia. **Ensino e Literatura no 2º Grau. Problemas e Perspectivas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

NAMORA, Fernando. História de um parto. Disponível em: <<http://rapaduracult.blogspot.com.br>> Acesso em 12 de set. de 2014

PINHEIRO, José Hélder. **Teoria da Literatura, Crítica Literária e Ensino**. In:

_____; NÓBREGA, Marta. (orgs). **Literatura: da crítica á sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2006.

RANGE, Egon. **Letramento Literário e livro didático de língua portuguesa: os amores difíceis**. In PAIVA, Aparecida, EVANGELISTA, Aracy Alves Martins;

PAULINO, Graça; VERSIANE, Graça. (orgs). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

SAMUEL, R. **Novo Manual de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SARMENTO, Leila Lauer. TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática e produção textual**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2010

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura e realidade brasileira**. 4ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

SCLIAR, Moacir. **Folha de São Paulo**. 1996. Disponível em:
<<http://catadoreversos.blogspot.com.br>> Acesso em 19 de set. de 2014 .

TELLES, Lygia Fagundes. **Pomba enamorada ou Uma história de amor e outros contos escolhidos**. Porto Alegre: L & PM, 1999.

TORGA, Miguel. Bichos. **O Mago**. Disponível em:
<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=0CDEQFjAD&url=http%3A%2F%2Ffiles.literaturaesociologia.webnode.com.br%2F200000002-8c6198d5b3%2Fbichos.pdf&ei=NTJrVOOIC7OxsATu2YDoAQ&usg=AFQjCNFkqBAOAIrsoaQz-8a2DdJ7TnGVA&bvm=bv.79908130,d.cWc&cad=rja>. Acesso em: 22 de set 2014.

ANEXOS

ANEXO A: CONTO “O MAGO”

Mago respirou fundo. Abriu o nariz e encheu o peito de ar ou de luar, não podia saber ao certo, porque a noite era uma mistura de brisa e claridade. Mas fosse de frescura ou de luz a onda que bebera dum trago, de tal modo o inundou, que em todo o corpo lhe correu logo um frémito de vida nova. Esticou-se então por inteiro, firmado nas quatro patas, arqueou o lombo, e deixou-se ficar assim alguns instantes, só músculos, tendões e nervos, com os ossos a ranger de cabo a rabo. Arre, que não podia mais! Aquele mormaço da sala dava cabo dele. Punha-o mole, sem acção, bambo e morno como o cobertor de papa onde dormia. A que baixezas a gente pode chegar! Ah, mas tinha de acabar semelhante vergonha! Não pensasse lá agora a senhora D. Maria da Glória Saneia que estava disposto a deixar-se perder para sempre no seu regaço macio de solteirona. Não faltava mais nada! De resto, ali tinha já a primeira demonstração: ela a ressonar sozinha na cama fofa, enquanto ele enchia os pulmões de oxigénio e de liberdade. É certo que a deixara primeiro adormecer, e só então, brandamente, deslizara dos seus braços para o tapete e do tapete para a rua, através do postigo da cozinha. Uma questão de delicadeza, apenas. Porque, afinal, não havia vantagem nenhuma em fazer as coisas à bruta e ofender quem só lhe queria bem... Que diabo, sempre era a senhora D. Maria Saneia, a que até um fio de ouro lhe comprara para o pescoço! Que, considerando bem, por essas e outras é que chegara àquela linda situação...

- Ouvi dizer que já nem sardinhas comes?!

- Essa agora! É todos os dias...

- E que nunca mais caçaste?!

- Ainda esta manhã...

Piadinhas do Lambão. É claro que os mimos da D. Saneia lhe haviam deformado o gosto...

Metia-lhe os petiscos ao focinho, tentava-se! E havia por onde escolher, de mais a mais...

Quanto a ratos, que necessidade tinha de perder o tempo, debruçado três horas sobre um buraco, sem mexer sequer a menina dos olhos, à espera dum pobre diabo qualquer que ressonava lá no fundo? Deixá-los viver! As coisas são o que são. Em todo o caso, ainda comia a sua pescada crua e deitava honradamente a mão a uma

ou outra borboleta branca, sem falar nas andorinhas novas e nos pardalecos que filava por desfastio na primavera. Que demônio! Mais, seria exagerar.

- Mas que não saís de casa, sempre agarrado às saias...

Na verdade, saía pouco. Outros tempos, outros hábitos. Banqueteava-se e ficava-se pelas almofadas... Digestões difíceis, vinha-lhe um migalho de sonolência... Às vezes tentava reagir. Mas o raio da velha, mal o via pôr o pé na soleira da porta, perdia a cabeça! Parecia uma sineta:

- Mago! Mago! Bicho, bichinho!

Regressava aos lençóis. Contrariado, evidentemente. Mas quê! Era o pão... O pãozinho da boca! Que remédio senão torcer caminho e, com as unhas discretamente recolhidas, continuar as carícias de algodão em rama no cachaço da dona...

- E que deixaste a Faísca!...

- Eu?!...

- Que anda metida com o Zimbro... Pelo menos é o que consta. Que teve até cinco pequenos dele...

- Meus! Muito meus! Do meu sangue!

Pantominice. Um triste chanato na honra do convento... Paleio de chavelhudo manso... A

ninhada pertencia inteirinha ao Zimbro. Até pela pinta se via. Todos com o mesmo olhinho

remeloso do pai... Um parrana, realmente, embora o não confessasse. Os mimos da D. Saneia tinham-no desgraçado. Ah, mas a coisa ia mudar de figura! Estava farto de ser desfeitoado. Ainda há bem pouco tempo... Chegara-se ao pé da mulher, disposto a impor a sua autoridade.

- Ouve lá: disseram-me que mós andas a pôr para aí com todo o mundo?!

E recebe esta pelas ventas:

- Bem haja eu!

- Bem hajas tu?!

- Nunca guardei respeito a maricas!...

Só a tiro! Mas a verdade é que a Faísca tinha razão. Lá de ano a ano é que vinha procurá-la, e isto de gado fêmeo quer assistência...

Além disso, pesadão, desconsolado. E até esquecido dos ganidos dessas horas...
Uma vergonha!

- Aparece logo à noite, pelo Tinoco... Há reunião... E adeusinho...
- Adeus,.Lambão.

Foi no quintal, à tarde, quando a D. Saneia dormia a sesta. O antigo companheiro, empoleirado no muro, rondava a cozinha da vizinhança, onde assavam carapaus. Por acaso chegara à janela nesse momento, vira-o e fizera-lhe sinal. E o outro, de boa ou de má fé, abriu o saco. Mas há males que vêm por bem. Depois da conversa, pensara maduramente no caso, e ali estava agora disposto a ressuscitar daquela vida perdida em que o destino o metera.

Sim, ali estava, a dois passos do Tinoco, o clube da gataria do bairro. Bem situado, com saída para dois quarteirões, fora fundado pelo maior valdevinos da geração: - o Hilário. Era um telhado corrido, quase plano, amplo, alto, mas de onde se podia cair de qualquer maneira numa aflição. Um achado. Como a casa servia de armazém, o Hilário viu de relance as condições do local. E logo no outro dia os beijos, as mordedelas, os arranhões e os queixumes do cio foram ali.

Bons tempos esses! Namorava então a Boneca, uma gatinha borralheira de a gente se perder.

- Ora viva!
- Miiau...
- Seja bem aparecida, a minha princesa!
- Miiau...

Mimo da cabeça aos pés. Mas um reбуçadinho! Depois enrodilhara-se com a Moira-Negra, um coiro velho, curtido e batido. Cada guincho que abria a noite!

- Cala-te lá com isso, mulher!...

Isso calava ela! Acabou por se aborrecer. Por fim veio a lambisgóia da Perricha... Uns trabalhos. Ciúmes, fraqueza, dores de cabeça, o diabo!

- Matas-te, filho, arruinas-te... Palavras sensatas da mãe.
- Muda de vida, homem! Essa excomungada leva-te à sepultura.

Mas quê! O vício pode muito...

Até que a mãe morreu de velhice e desgosto, a Perricha desapareceu das redondezas, e ele foi cair por acaso no quintal da D. Saneia.

- O bichinho está doente. Se calhar é fome...

E a ternura da senhora nunca mais o largou. A princípio ainda tentou reagir; mas, por fim, o corpo, o miserável corpo, acostumou-se ao ripanço. A parva cuidava que

era amor correspondido. Melhor fora! Amizade sincera não é com gatos. Simplesmente, quem brinca aos afogados, afoga-se. Com o andar do tempo, a moleza tomara conta dele... Quando reparou, estava perdido. Às vezes apetecia-lhe atirar com os aparelhos ao ar. Infelizmente, as vidas iam ruins. Virava-se um balde de restos, e não se aproveitava uma espinha. Que remédio, pois, senão contemporizar... Mas cara aposentadoria! Considerando bem, melhor fora que o estafermo da solteirona nunca lhe tivesse aparecido. Mais valia andar pelado e a cair de fome, e ser capaz de responder ao pé da letra aos sarcasmos que agora lhe atiravam.

- Olha o Mago!... Olha o milionário!...

O patife do Tareco. Era de o derreter logo ali! A desgraça é que não podia passar da mansa indignação que o roía. Nem forças, nem coragem para mais. E, logo por azar, com o clube à cunha! Parecia de propósito. Raios partissem a D. Saneia e mais quem lhe gabava as almofadas! Por causa delas pouco faltava para lhe cuspirem na cara!

- Com que então de visita aos bairros pobres?! Obra de assistência aos desvalidos, não?...

Até o bandido do Zimbros! Vejam lá! O engraçado! Não contente de lhe roubar a mulher, de lhe pregar um par deles do tamanho duma procissão, vinha ainda com provocações à vista de toda a gente. Ah, mas estava redondamente enganado se cuidava que não recebia o troco devido!

- O cavalheiro seja mais delicado...

- Reparem nas falinhas dele... A tratar os amigos por cavalheiros!

- Amigos?! Eu não tenho amigos da sua laia!

- Pesam-lhe na testa, coitado!

Desembestou. Cego da cabeça aos pés, atirou-se ao abismo. Infelizmente, as ensanchas do Zimbros eram outras. Tinha raiva, tinha dentes, tinha unhas e fôlego. Contra tais armas, que podia a sanha dum pobre mortal, gordo e lustroso? Servir de bombo da festa... É que nem a primeira acertou! Ágil e musculado, e com a maleabilidade de uma cobra, o inimigo furtou-se à sua fúria e ripostou a valer ao golpe esboçado. Depois, foi o bom e o bonito! A seguir a uma saraivada de investidas traiçoeiras, meia dúzia de navalhadas de liquidar um homem. Só visto! No fim da luta, quando já não podia mais e se confessou derrotado, sangrava e gemia

tanto que até um polícia, em baixo, na rua estreita, se comoveu. O clube, esse, parecia doido de alegria. A Faísca rebojava-se no chão, de contente.

Fugiu desvairado pelos telhados fora. A lua, cada vez mais branca lá no alto, olhava-o com desdém. A cidade, adormecida, parecia um cemitério sem fim. Da torre duma igreja saía um pio agoirento.

Jogara naquele lance o resto da dignidade. E perdera. Dali por diante, seria apenas uma humilhação sem esperança. Ele, que tivera nas mãos possantes e nervosas o corpo fino e submisso da Boneca, ele, o escolhido da Moira-Negra, ele, o companheiro de noitadas do Hilário, ele, Mago, relegado definitivamente para o mundo das pantufas e dos tapetes!

Proibido para o resto da existência de pensar sequer numa baforada da húmida frescura que agora lhe atravessava as ventas e lhe deixava cantarilhas no bigode... Condenado para sempre ao bafio da maldita sala de visitas da D. Saneia! Negra sorte! E tudo obra do coirão da velha... Se não fosse ela, em vez de ir ali esquadrihado e a mancar da mão esquerda, estaria no Tinoco a soltar ganidos como os outros, depois de ter feito o Zimbro em pedaços... Assim, arrastava-se penosamente por aquele caminho de desespero, tal e qual um moribundo a despedir-se da vida... Miséria de destino! Vexado, vencido, retalhado no corpo e na alma... E tudo obra do estupor da santanária!...

Vinha rompendo a manhã. Um sino ao longe deu seis horas. Abriam-se as primeiras janelas. Grandes laivos avermelhados anunciavam a chegada próxima do sol.

Parou. Lambeu a pata doente e sacudiu-se, num arrepio. Uma lassidão profunda começava a invadi-lo. Maldita D. Saneia!... Se nunca tivesse conhecido tal sujeita...

Olha, olha, a enevoar-se-lhe a vista!... Queriam ver que ia desmaiar?!

Encostou-se a uma chaminé, e ficou algum tempo sem dar acordo de si, a arfar penosamente. Até que uma onda de energia o trouxe de novo ao mundo. Arregalou os olhos. Estava melhor, felizmente! Já enxergava claro outra vez. Podia continuar.

Em que trabalhos o metera o raio da velha! E louvar a Deus safar-se com vida da brincadeira... Coça valente!... Por um triz que não se ficava... Muita resistência tinha ele ainda!

A alguns metros apenas do jardim da casa, cuidou que tornava a desfalecer. E só então é que reparou: deixava um rasto de sangue por onde passava...

Fez das tripas coração, e lá conseguiu equilibrar-se e chegar ao pequeno muro que vedava o paraíso da sua perdição. Saltava? Não saltava? Que infâmia, regressar aos mimos da D.

Saneia! Que nojo! Que ordinarice!

Mas a que propósito vinham agora semelhantes escrúpulos e recriminações? Sim, a que propósito? Fartinho de saber que nem sequer lhe passara seriamente pela cabeça a ideia de resolver o caso doutra maneira! Ao menos fosse sincero! De resto, que esforço concreto fizera para se libertar? Nenhum. Ainda não havia uma dúzia de horas, ouvira a voz do Lambão como um eco da própria consciência... E, afinal, ali estava outra vez! E viera de livre vontade... Ninguém o obrigara... Já roído de remorsos? Ora, ora! Outro fosse ele, nem aquela casa encarava mais. E voltara! Sim, voltara miseravelmente... E à procura de quê?

Da paz podre dum conforto castrador... Que abjecção! Que náusea!

E, sem querer, sem poder aceitar a sua degradação, Mago entrou pelo postigo da cozinha e foi-se deitar entre os braços balofos da D. Saneia.

ANEXO B: CONTO “HISTÓRIA DE UM PARTO”

Com vinte e quatro anos medroso e um diploma de médico, tinha começado a minha vida em Monsanto. Ali, a província bravia despede-se da campina, ergue-se nos degraus das fragas para olhar com altivez as serras de Espanha, enquanto o friso de planaltos que corre as linhas da fronteira espreita as surtidas do contrabando e a fuga dos rios.

Aquele povo soturno, endurecido a subir e descer abismos, frutificando uma terra alheia, pressentiu o perigo da minha inexperiência. Os camponeses vinham ao consultório fechados em meias palavras, avaliando os meus dotes de mágico, e nas suas faces obstinadas havia apenas desconfiança e desafio. Algumas vezes a morte estava ali entre mim e eles, troçando da minha humildade apavorada e nem assim me davam um estímulo: duros, invioláveis, lá lhes parecia que um bom médico não precisa de arrimos. Muitos anos atrás outro colega tinha sofrido o mesmo ambiente em despique com bruxas, leiloado na praça pública a votos e a murros e apesar de tudo vencera. Essa gente granítica, com ossos a esticarem uma pele morena, esperava de mim como esperara e exigira do antigo médico, antes de o aceitar, a prova indiscutível que decidisse da minha reputação: um parto por exemplo com o seu assombroso mistério, as suas horas de mortificada expectativa. O parto sempre representou aos olhos do povo uma hora solene: nele se apostam duas vidas e também as qualidades de arrojo, calma e saber de um profissional. O curandeiro pode ser insultado na sua banca de Fígaro ou no instante aflito de uma sangria de urgência, mas a comadre, a velha suja talhada em pedra enrugada, sem sorrisos nem lágrimas, que espreita a nossa entrada no mundo, tem fama e pão certos até ao fim dos tempos.

Deu-se por essa altura, na aldeia, um casamento pomposo e, como tal, estava indicada a presença ornamental do médico. Lá fui eu, sob a vaga promessa de ser acompanhado pelo amigo boticário, homem de vagas de génio que ajudavam a espertar os dias ensonados daquele desterro. Calhou-lhe vir também à boda o colega que me precedera no partido médico. Entretanto, a uma légua de estafa, para lá dos barrocais retalhados nas gargantas dos penedos, uma camponesa gemis, havia quatro dias, as dores de parto: e desde que a comadre confessara a inutilidade dos seus préstimos, justificando-se com a criança atravessada no ventre, nada restava fazer, salvo a ciência do doutor. A família veio por aí acima, entregue

ao passo conformado daqueles heróicos jericos de Monsanto, que galgam e se firmam nos pavorosos declives dos caminhos. Trazia consigo um problema de parto e de cortesia: dois médicos estavam nessa tarde na aldeia, lado a lado, à mesa de uma festança. Um tinha cumprido em dois anos de partos, dores, aflições: o outro era um imberbe João Semana, que nada garantia. Mas sendo eu médico avençado – eis a cortesia em jogo – o posto pertencia-me, devia ser procurado para o trabalho e para o pago. E a família acabou por correr o risco: seria eu o escolhido. Para mim o transporte do burro, o sobressalto, a apreensão pelo que poderia acontecer. O meu nervosismo ainda foi avivado por uma rude prova de fraqueza dos campónios: sucedeu que, mal eu chegara junto da esmorecida parturiente, me confessaram, com ressaibos de deferência, as dúvidas que haviam tido na minha escolha!

E ali fiquei, humilde, embrutecido, perante a comadre escura que me vigiava. Os olhos dela, vorazes, eram mais temíveis do que esse ventre desgastado de esforços vãos, do que a bacia estreita que se opunha à vida. Esperei minutos, horas, para me dispor àquilo que desde logo me pareceu indicado: uma intervenção com os medonhos ferros que são o pesadelo das parturientes e das famílias aldeãs. Até que a comadre, não suportando já as minhas hesitações, levou à frente das palavras um dedo sujo, antes que eu pudesse simular uma reacção, e enfiou-o nesse abismo insondável. E disse, sem meias-tintas:

– Se quer fazer alguma coisa, senhor Doutor, saiba que a criança está nas nalgas. Está presa no osso da robadilha.

Aquela frase ficou inteira nas minhas recordações, ainda hoje me assusta os ouvidos.

Num mutismo que não dava esperanças a ninguém, pensava que caminho devia escolher: expulsar dali a comadre, desempenhando de vez o meu papel, procurando aliviar-me de todos os pesos e dúvidas estranhas que enredavam as minhas decisões de médico, ou esperar que algum imprevisto viesse robustecer-me a ridícula posição.

Dentro do quarto, sufocando a mulher, além de mim e da comadre, completavam o ambiente as vizinhas e conhecidas, lobregamente vestidas de negro, umas abanando com o lenço o suor frio da parturiente, outras enxotando as moscas, em gestos moles e ritmados, outras, ainda, hirtas de expectativa, e todas agigantando-se como juízes proféticos.

Os homens, o pai e o marido, esperavam cá fora, sentados numa laje que ocupava quase todo o pátio, onde se abria um canal para esgoto das urinas escapadas das furdas. Vim junto deles desafogar os pulmões no ar fresco e livre. O pai da parturiente, um homem resignado, esperou-me com uns olhos em que havia prece. Sentámo-nos os três, derreados, por uns minutos. Então, pedi ao marido que fosse à vila buscar-me ferros. O velho levou as mãos à cabeça e escondeu os olhos. Eu devia encorajá-lo, dar-lhe um sinal daquele apoio de que eu próprio precisava: era ele a única pessoa em quem verdadeiramente sentia uma dor sem censuras. Mas não confiei nas minhas palavras e voltei para dentro de casa.

O útero da mulher revigorara-se com os estimulantes, contorcia-se no esforço de se libertar. A tarde estava quase no fim, uma tarde espessa, afrontada, que de súbito se vinha agachar sobre as árvores e sobre as casas. A comadre, ao ver-me em jeitos de nova observação, tornou com os seus conselhos:

– É nas nalgas, senhor Doutor.

Quando voltei ao pátio, o velho espremia as mãos e falou-me como se tivesse as maxilas retesadas.

– É a minha única filha. Salve-as, senhor Doutor. Somos pobres, não temos dinheiro, nunca o tivemos, mas eu vou trabalhar até ao fim da minha vida para lhe pagar. Mas salve-a!

Dei-lhe um cigarro e disse com simplicidade:

– Isto está a demorar. Mas vai. Espere que o seu genro me traga os ferros.

– Vai raspá-la?

– Que ideia! É uma ajuda. Custa um bocadinho, mas fica logo aliviada.

O homem chegou, por fim, desfigurado de suor. Enquanto ferviam os ferros, uma das assistentes recomendou-lhe afectuosamente:

– Vai comer alguma coisa. Ainda estás em jejum.

– Não tenho fome.

– Mas precisas.

Deu-lhe um pão de vários quilos de peso. Rijo e embolorado. O homem raspou meticulosamente o bolor, abriu o pão ao meio, tornou a esfarelar os ninhos verdes e comeu, com vagares. A mulher deu-lhe ainda azeitonas, carregadas de sal. Depois ele despejou nas goelas uma bilha de água.

Eu já sabia que aquele povo subalimentado iludia o estômago com litradas de água e pilhas de verdura, às vezes ervas do campo, numa sede provocada pelo sal dos alimentos. E assim, entulhando-o, calava aquela ânsia de plenitude.

Quando os ferros foram dispostos para a intervenção, um rumor correu a assistência. As mulheres deram passos inquietos e inúteis pela sala, balbuciam rezas, lacrimejaram, a parturiente gemeu desconsolada, a comadre empertigou-se de gravidade. A mão da rapariga ainda tentou deter-me: varava a minha face imberbe, agora resoluta, procurando dentro de mim uma decisiva garantia.

– Será mesmo preciso, senhor Doutor? Não poderíamos esperar?

– Não, já esperámos muito tempo, minha senhora.

De memória, eu ia revendo precipitadamente as ilustrações dos tratados, as técnicas, enquanto vaselinava as colheres. Receava ter errado a posição da criança, temia amachucar o ser que viria para a vida pelas minhas mãos, obcecava-me o acaso de hemorragias, colapsos, traumatismos, e via diante de mim um recém-nascido ferido e deformado. Duas vidas estavam à mercê daqueles minutos próximos. Deles dependiam ainda o meu próprio futuro e o pesar ou o júbilo daqueles que me rodeavam. A par dos tratados, também mentalmente estava ali comigo o velho, na sua imagem de dor humilde e silenciosa. Teria preferido vê-lo a meu lado, de angústias solidárias, nós ambos e a sua filha, depois de enxotados os corvos.

Gemidos, silêncio, o morno das respirações, uma luz vacilante e fúnebre de azeite, e depois de muitos esforços dos meus pulsos e dos meus nervos, de sentir que os ferros desentranhavam não só a criança mas também todo aquele ventre dorido, a cabeça do recém-nascido rompeu para o mundo. Gritei uma ordem, com uma voz já imperante, protegido por aquilo que, após a timidez e a dúvida, sentia como um triunfo. A criança chegou às minhas mãos, mãos heroicamente ensanguentadas, sem uma beliscadura. Tirei-a depois com ostentação dos dedos engelhados da comadre, lavei-a com carinho, feliz, alvoroçado. Amava-a como se me pertencesse.

Eu, agora, dominava o ambiente. Dominava os corvos e, entre eles, o mais sinistro: a comadre. Ela, então, ergueu as mãos, em transe:

– Milagre! Vi nascer centenas de meninos, vi horas boas e más, mas um trabalho destes... A criança está aí sem um arranhão. Onde eu chegar, senhor Doutor...

E ficámos amigos.

Cá fora esperava-me uma noite afogueada de Outono. O velho tinha aparelhado o jerico e engolia saliva a todo o momento, ondulando o pescoço, mudo de emoção. De chapéu erguido, os olhos brilhantes, esperava que eu partisse. Entesado numa posição de sentido, quedou-se de chapéu em jeito de bandeira, até que desapareci na dobra da rua. E só depois consegui rouquejar:

– Obrigado, senhor Doutor! Obrigado. Viva!, para sempre!

Negrinha

Monteiro Lobato

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejava o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que idéia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a *bubônica*. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer

coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo:

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! — disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e *záz!* na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo

arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária — mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora — murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com *Santa* Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?”

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral — sofrimento novo que se vinha crescer aos já conhecidos — a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? — perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí fora.

— Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo:

— Meus brinquedos! — reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... — perguntou, extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! — disseram. — E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. É muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein? Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi — e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— “Como era boa para um cocre!...”

ANEXO D: CONTO “O MONSTRO DE RODAS”

O Nino apareceu na porta. Teve um arrepio. Levantou a gola do paletó.

– Ei, Pepino! Escuta só o frio!

Na sala discutiam agora a hora do enterro. A Aída achava que de tarde ficava melhor. Era mais bonito. Com o filho dormindo no colo dona Mariângela achava também. A fumaça do cachimbo do marido ia dançar bem em cima do caixão.

– Ai, Nossa Senhora! Ai, Nossa Senhora!

Dona Nunzia descabelada enfiava o lenço na boca.

– Ai, Nossa Senhora! Ai, Nossa Senhora!

Sentada no chão a mulata oferecia o copo de água de flor de laranja.

– Leva ela pra dentro!

– Não! Eu não quero! Eu... não... quero!...

Mas o marido e o irmão a arrancaram da cadeira e ela foi gritando para o quarto. Enxugaram-se lágrimas de dó.

– Coitada da dona Nunzia!

A negra de sandália sem meia principiou a segunda volta ao terço.

– Ave-Maria,

cheia de graça, o Senhor...

Carrocinhas de padeiro derrapavam nos paralelepípedos da Rua Sousa Lima. Passavam cestas para a feira do Largo do Arouche. Garoava na madrugada roxa.

–... da nossa morte. Amém. Padre-Nosso

que estaisno Céu...

O soldado espiou da porta. Seu Chiarini começou a roncar muito forte. Um bocejo. Dois bocejos. Três. Quatro.

–... de todo o mal. Amém.

A Aída levantou-se e foi espantar as moscas do rosto do anjinho.

Cinco. Seis.

O violão e a flauta recolhendo de ferra emudeceram respeitosamente na calçada.

Na sala de jantar Pepino bebia em companhia do Américo Zamponi(SALÃO PALESTRA ITÁLIA – Engraxa-se na perfeição a 200 réis) e o Tibúrcio (– O Tibúrcio... – O mulato? – Quem mais há de ser?).

– Quero só ver daqui a pouco a notícia do Fanfulla.

Deve cascar o almofadinha.

– Xi, Pepino! Você é ainda muito criança. Tu é ingênuo, rapaz. Não conhece a podridão da nossa imprensa. Que o quê, meu nego. Filho de rico manda nesta terra que nem a Light. Pode matar sem medo. É ou não é, seu Zamponi? Seu Américo Zamponi soltou um palavrão, cuspiu, soltou outro palavrão, bebeu, soltou mais outro palavrão, cuspiu.

– É isso mesmo, seu Zamponi, é isso mesmo!

O caixãozinho cor-de-rosa

com listas prateadas (donaNunzia gritava)

surgiu diante dos olhos assanhados da

vizinhança reunida na calçada (a molecada pulava) nas mãos da Aída, da Josefina, da Margarida e da Linda.

– Não precisa ir depressa para as moças não fiquem escangalhadas.

A Josefina na mão livre sustentava um ramo de flores.

Do outro lado a Linda tinha a sombrinha verde, aberta.

Vestidos engomados, armados, um branco, um amarelo, um creme, um azul. O enterro seguiu.

O pessoal feminino da reserva carregava dalias e palmas-de-são-josé. E na calçada os homens caminhavam descobertos.

O Nino quis fechar com o Pepino uma aposta de quinhentão.

– A gente vai contando os trouxas que tiram o chapéu até a gente chegar no Araçá. Mais de cinquenta você ganha. Menos, eu.

Mas o Pepino não quis. E pegaram uma discussão sobre qual dos dois era o melhor: Friedenreich²² ou Feitiço.²³

– Deixa eu carregar agora, Josefina?

– Puxa, que fiteira! Só porque a gente está chegando na Avenida Angélica. Que mania de se mostrar, que você tem!

O grilo fez continência. Automóveis disparavam para o curso²⁴ com mulheres de pernas cruzadas mostrando tudo. Chapéus cumprimentavam dos ônibus, dos bondes. Sinais da santa cruz. Gente parada.

Na Praça Buenos Aires, Tibúrcio já havia arranjado três votos para as próximas eleições municipais.

– Mamãe, mamãe! Venha ver um enterro, mamãe!

Aída voltou com a chave do caixão presa num lacinho de fita. Encontrou dona Nunzia sentada na beira da cama olhando o retrato que a Gazeta publicara. Sozinha. Chorando.

– Que linda que era ela!

– Não vale a pena pensar mais nisso, dona Nunzia...

O pai tinha ido conversar com o advogado.

ANEXO E: CONTO “UMA AMIZADE SINCERA”

Não é que fôssemos amigos de longa data. Conhecemo-nos apenas no último ano da escola. Desde esse momento estávamos juntos a qualquer hora. Há tanto tempo precisávamos de um amigo que nada havia que não confiássemos um ao outro. Chegamos a um ponto de amizade que não podíamos mais guardar um pensamento: um telefonava logo ao outro, marcando encontro imediato. Depois da conversa, sentíamo-nos tão contentes como se nos tivéssemos presenteado a nós mesmos. Esse estado de comunicação contínua chegou a tal exaltação que, no dia em que nada tínhamos a nos confiar, procurávamos com alguma aflição um assunto. Só que o assunto havia de ser grave, pois em qualquer um não caberia a veemência de uma sinceridade pela primeira vez experimentada.

Já nesse tempo apareceram os primeiros sinais de perturbação entre nós. Às vezes um telefonava, encontrávamo-nos, e nada tínhamos a nos dizer. Éramos muito jovens e não sabíamos ficar calados. De início, quando começou a faltar assunto, tentamos comentar as pessoas. Mas bem sabíamos que já estávamos adulterando o núcleo da amizade. Tentar falar sobre nossas mútuas namoradas também estava fora de cogitação, pois um homem não falava de seus amores. Experimentávamos ficar calados — mas tornávamo-nos inquietos logo depois de nos separarmos.

Minha solidão, na volta de tais encontros, era grande e árida.

Cheguei a ler livros apenas para poder falar deles. Mas uma amizade sincera queria a sinceridade mais pura. À procura desta, eu começava a me sentir vazio. Nossos encontros eram cada vez mais decepcionantes. Minha sincera pobreza revelava-se aos poucos. Também ele, eu sabia, chegara ao impasse de si mesmo.

Foi quando, tendo minha família se mudado para São Paulo, e ele morando sozinho, pois sua família era do Piauí, foi quando o convidei a morar em nosso apartamento, que ficara sob a minha guarda. Que rebuliço de alma. Radiantes, arrumávamos nossos livros e discos, preparávamos um ambiente perfeito para a amizade. Depois de tudo pronto — eis-nos dentro de casa, de braços abanando, mudos, cheios apenas de amizade.

Queríamos tanto salvar o outro. Amizade é matéria de salvação.

Mas todos os problemas já tinham sido tocados, todas as possibilidades estudadas. Tínhamos apenas essa coisa que havíamos procurado sedentos até então e enfim encontrado: uma amizade sincera.

Único modo, sabíamos, e com que amargor sabíamos, de sair da solidão que um espírito tem no corpo.

Mas como se nos revelava sintética a amizade. Como se quiséssemos espalhar em longo discurso um truísmo que uma palavra esgotaria. Nossa amizade era tão insolúvel como a soma de dois números: inútil querer desenvolver para mais de um momento a certeza de que dois e três são cinco.

Tentamos organizar algumas farras no apartamento, mas não só os vizinhos reclamaram como não adiantou.

Se ao menos pudéssemos prestar favores um ao outro. Mas nem havia oportunidade, nem acreditávamos em provas de uma amizade que delas não precisava. O mais que podíamos fazer era o que fazíamos: saber que éramos amigos. O que não bastava para encher os dias, sobretudo as longas férias.

Data dessas férias o começo da verdadeira aflição.

Ele, a quem eu nada podia dar senão minha sinceridade, ele passou a ser uma acusação de minha pobreza. Além do mais, a solidão de um ao lado do outro, ouvindo música ou lendo, era muito maior do que quando estávamos sozinhos. E, mais que maior, incômoda. Não havia paz. Indo depois cada um para seu quarto, com alívio nem nos olhávamos.

É verdade que houve uma pausa no curso das coisas, uma trégua que nos deu mais esperanças do que em realidade caberia. Foi quando meu amigo teve uma pequena questão com a Prefeitura. Não é que fosse grave, mas nós a tornamos para melhor usá-la. Porque então já tínhamos caído na facilidade de prestar favores. Andei entusiasmado pelos escritórios de conhecidos de minha família, arranjando pistolões para meu amigo. E quando começou a fase de selar papéis, corri por toda a cidade — posso dizer em consciência que não houve firma que se reconhecesse sem ser através de minha mão.

Nessa época encontrávamo-nos de noite em casa, exaustos e animados: contávamos as façanhas do dia, planejávamos os ataques seguintes. Não aprofundávamos muito o que estava sucedendo, bastava que tudo isso tivesse o cunho da amizade. Pensei compreender por que os noivos se presenteiam, por que o marido faz questão de dar conforto à esposa, e esta prepara-lhe afanada o alimento, por que a mãe exagera nos cuidados ao filho. Foi, aliás, nesse período que, com algum sacrifício, dei um pequeno broche de ouro àquela que é hoje minha mulher. Só muito depois eu ia compreender que estar também é dar.

Encerrada a questão com a Prefeitura — seja dito de passagem, com vitória nossa — continuamos um ao lado do outro, sem encontrar aquela palavra que cederia a alma. Cederia a alma? Mas afinal de contas quem queria ceder a alma? Ora essa.

Afinal o que queríamos? Nada. Estávamos fatigados, desiludidos.

A pretexto de férias com minha família, separamo-nos. Aliás, ele também ia ao Piauí. Um aperto de mão comovido foi o nosso adeus no aeroporto. Sabíamos que não nos veríamos mais, senão por acaso. Mais que isso: que não queríamos nos rever. E sabíamos também que éramos amigos.

Amigos sinceros.

ANEXO F: CONTO "AS PÉROLAS"

AS PÉROLAS

Demoradamente ele a examinava pelo espelho. "Está mais magra. Mas está mais bonita." Quando a visse, Roberto também pensaria o mesmo: "Está mais bonita assim".

Que iria acontecer? Tomás desviou o olhar para o chão. Pressentia a cena e com que nitidez: com naturalidade Roberto a levaria para a varanda e ambos se debruçariam no gradil. De dentro da casa iluminada, os sons do piano. E ali fora, no terraço deserto, os dois muito juntos se deixariam ficar olhando a noite. Conversariam? Claro que sim, mas só nos primeiros momentos. Logo atingiriam aquele estado em que as palavras são demais. Quietos e tensos, mas calados na sombra. Por quanto tempo? Impossível dizer, mas o certo é que ficariam sozinhos uma parte da festa, apoiados no gradil dentro da noite escura. Só os dois, lado a lado, em silêncio. O braço dele roçando no braço dela. O piano.

— Tomás, você está se sentindo bem? Que é, Tomás?!

Ele estremeceu. Agora era Lavínia que o examinava pelo espelho.

– Eu? Não, não se preocupe – disse ele, passando as pontas dos dedos pelo rosto. – Preciso fazer a barba...

– Tomás, você não me respondeu – insistiu ela. – Você está bem?

– Claro que estou bem.

A ociosidade, a miserável ociosidade daqueles interrogatórios. “Você está bem?” O sorriso positiço. “Estou bem.” A insistência era necessária. “Bem mesmo?” Oh Deus. “Bem mesmo.” A pergunta exasperante: “Você quer alguma coisa?”. A resposta invariável: “Não quero nada.”

“Não quero nada, isto é, quero viver. Apenas viver, minha querida, viver...” Com um movimento brando, ele ajeitou a cabeça no espaldar da poltrona. Parecia simples, não? Apenas viver. Esfregou a face na almofada de crochê. Relaxou os músculos. Uma ligeira vertigem turvou-lhe a visão. Fechou os olhos quando as tábuas do teto se comprimiram num balanço de onda. Esboçou um gesto impreciso em direção à mulher:

– Sinto-me tão bem.

– Pensei que você estivesse com alguma dor.

– Dor? Não. Eu estava mas era pensando.

Lavínia penteava os cabelos. Inclinar-se mais sobre a mesinha, de modo a poder ver melhor o marido que continuava estirado na sua poltrona, colocada um pouco atrás e à direita da banqueta na qual ela estava sentada.

– Pensando em coisas tristes?

– Não, até que não... – respondeu ele. Seria triste pensar, por exemplo, que enquanto ele ia apo-

drezer na terra ela caminhará ao sol de mãos dadas com outro? Hein?...

Era verdadeiramente espantosa a nitidez com que imaginava a cena: o piano inesgotável, o ar morno da noite de outubro, tinha ainda que ser outubro com aquele perfume indefinível da primavera. A folhagem parada. E os dois, ombro a ombro, palpitações e controlados, olhos fixos na escuridão. “Lavínia e Roberto já foram embora?” – perguntaria alguém num sussurro. A resposta sussurrante, pesada de reticências: “Estão lá fora na varanda”.

Cruzando os braços com um gesto brusco, ele esfregou o pijama nas axilas molhadas. Disfarçou o gesto e ali ficou alisando as axilas, como se sentisse uma vaga coceira. Cerrou os dentes. Por que nenhum convidado entrava naquele terraço? Por que não se rompiam, com estrépito, as cordas do piano? Ao menos – ao menos! – por que não desabava uma tempestade?

– A noite está firme?

– Firmíssima. Até lua tem.

Ele riu: – Imagine, até isso.

Lavínia apoiou o queixo nas mãos entrelaçadas. Lançou-lhe um olhar inquieto.

– Tomás, que mistério é esse?

– Não tem mistério nenhum, meu amor. Ao contrário, tudo me parece tão simples! Mas vamos, não se importe comigo, estou brincando com minhas idéias, aquela brincadeira de idéias conexas, você sabe... – Teve uma expressão sonolenta. – Mas você não vai se atrasar? Me parece que a reunião é às nove. Não é às nove?

– Ai! essa reunião. Estou com tanta vontade de ir como de me enforcar naquela porta. Vai ser uma chatice, Tomás, as reuniões lá sempre são chatíssimas, tudo igual, os sanduíches de galinha, o uísque ruim, o ponche doce demais.

– E Chopin, o Bóris não falha nunca. De Chopin você gosta.

– Ah, Tomás, não começa. Queria tanto ficar aqui com você.

Era verdade, ela preferia ficar, ela ainda o amava. Um amor meio esgarçado, sem alegria. Mas ainda amor. Roberto não passava de uma nebulosa imprecisa e que só seus olhos assinalavam à distância. No entanto, dentro de algumas horas, na aparente candura de uma varanda... Os acontecimentos se precipitando com uma rapidez de loucura, força de pedra que dormiu milênios e de repente estoura na avalanche. E estava em suas mãos impedir. Crispou-as dentro do bolso do roupão.

– Quero que você se distraia, Lavínia, sempre será mais divertido do que ficar aqui fechada. E, depois, é possível que desta vez não seja assim tão igual. Roberto deve estar lá.

– Roberto?

– Roberto, sim.

Ela teve um gesto brusco:

– Mas Roberto está viajando! Já voltou?

– Já, já voltou.

– Como é que você sabe?

– Ele telefonou outro dia, tinha me esquecido de dizer. Telefonou, queria nos visitar. Ficou de aparecer uma noite dessas.

– Imagine... – murmurou ela, voltando-se de novo para o espelho. Com um fino pincel, pôs-se a delinear os olhos. Falou devagar, sem mover qualquer músculo da face. – Já faz mais de um ano que ele sumiu.

– É, faz mais de um ano.

Paciente Roberto. Pacientíssimo Roberto.

– E não se casou por lá?

Ele tentou vê-la através do espelho, mas agora ela baixara a cabeça. Mergulhava a ponta do pincel no vidro. Repetiu a pergunta:

– Ele não se casou por lá? Hein?... Não se casou, Tomás?

– Não, não se casou.

– Vai acabar solteirão.

Tomás teve um sorriso lento. Respirou pensativamente, de boca aberta. E voltou o rosto para o outro lado. “Meu Deus.” Apertou os olhos que foram se reduzindo, concentrados no vaso de gerânios no peitoril da janela. “Eles sabem que nem chegarei a ver este botão desabrochar.” Estendeu a mão ávida em direção à planta, colheu furtivamente alguns botões. Esmigalhou-os entre os dedos. Relaxou o corpo. E cerrou os olhos, a fisionomia em paz. Falou num tom suave:

– Você vai chegar atrasada.

– Melhor, ficarei menos tempo.

– Vai me dizer depois se gostou ou não. Mas tem que dizer mesmo.

– Digo, sim.

Depois ela não lhe diria mais nada. Seria o primeiro segredo entre os dois, a primeira névoa

baixando densa, mais densa, separando-os como um muro embora caminhassem lado a lado. Viu-a perdida em meio da cerração, o rosto indistinto, a forma irreal. Encolheu-se no fundo da poltrona, uma mão escondida na outra, caramujo gelado rolando na areia, solidão, solidão. "Lavínia, não me abandone já, deixe ao menos eu partir primeiro!" A boca salgada de lágrimas. "Ao menos eu partir primeiro..." Retesou o tronco, levantou a cabeça. Era cruel. "Não podem fazer isso comigo, eu ainda estou vivo, ouviram bem? Vivo!"

– Ratos.

– Que ratos?

– Ratos, querida, ratos – disse e sorriu da própria voz aflautada. – Já viu um rato bem de perto? Tinha muito rato numa pensão onde morei. De dia ficavam enrustidos, mas de noite se punham insolentes, entravam nos armários, roíam o assoalho, roque-roque... Eu batia no chão para eles pararem e nas primeiras vezes eles pararam mesmo, mas depois foram se acostumando com minhas batidas e no fim eu podia atirar até uma bomba que continuavam roque-roque-roque-roque... Mas aí eu também já estava acostumado. Uma noite um deles andou pela minha cara. As patinhas são frias.

– Que coisa horrível, Tomás!

– Há piores.

A varanda. Lá dentro, o piano, sons melosos escorrendo num Chopin de bairro, as notas se acavalando no desfibramento de quem pede perdão, "estou tão destreinado, esqueci tudo!". O incentivo ainda mais torpe, "ora, está tão bom, conti-

nue!". Mas nem de rastros os sons penetravam realmente no silêncio da varanda, silêncio conivente isolando os dois numa aura espessa, de se cortar com faca. Então Roberto perguntaria naquele tom interessado, tão fraterno: "É o Tomás?". O descarado. À espera da resposta inevitável, o crápula. À espera da confissão que nem a si mesma ela tivera coragem de fazer: "Está cada vez pior". Ele pousaria de leve a mão no seu ombro, como a lhe dizer: "Eu estou ao seu lado, conte comigo". Mas não lhe diria isso, não lhe diria nada, ah, Roberto era oportuno demais para dizer qualquer coisa, ele apenas pousaria a mão no ombro dela e com esse gesto estaria dizendo tudo, "eu te amo, Lavínia, eu te amo".

– Vou molhar os cabelos, estão secos como palha – queixou-se ela. E voltou-se para o homem: – Tomás, que tal um copo de leite?

Leite. Ela lhe oferecia leite. Contraindo os maxilares.

– Não quero nada.

Diante do espelho, ela deslizou os dedos pelo corpo, arrepanhando o vestido nos quadris. Parecia desatenta, fatigada.

– Está largo demais, quem sabe é melhor ir com o verde?

– Mas você fica melhor de preto – disse ele, passando a ponta da língua pelos lábios gretados.

Roberto gostaria de vê-la assim, magra e de preto, exatamente como naquele jantar. Ela nem se lembrava mais, pelo menos *ainda* não se lembrava, mas ele revia como se tivesse sido na véspera, aquela noite há quase dez anos.

Dois dias antes do casamento. Lavínia estava assim mesmo, toda vestida de preto. Como única jóia, trazia seu colar de pérolas, precisamente aquele que estava ali, na caixa de cristal. Roberto fora o primeiro a chegar. Estava eufórico: "Que elegância, Lavínia! Como lhe vai bem o preto, nunca te vi tão linda. Se eu fosse você, faria o vestido de noiva preto. E estas pérolas? Presente do noivo?". Sim, parecia satisfeítíssimo, mas no fundo do seu sorriso, sob a frivolidade dos galanteios, lá no fundo, só ele, Tomás, adivinhava qualquer coisa de sombrio. Não, não era ciúme nem propriamente mágoa, mas qualquer coisa assim com o sabor sarcástico de uma advertência: "Fique com ela, fique com ela por enquanto. Depois veremos". Depois era agora.

A varanda, floreios de Chopin se diluindo no silêncio, vago perfume de folhagem, vago luar, tudo vago. Nítidos, só os dois, tão nítidos. Tão exatos. A conversa fragmentada, mariposa sem alvo deixando aqui e ali o pólen de prata das asas, "e aquele jantar, hein, Lavínia?". Ah, aquele jantar. "Foi há mais de dez anos, não foi?" Ele demoraria para responder. "No final, você lembra?, recitei Gerald. Eu estava meio bêbado, mas disse o poema inteiro, não encontrei nada melhor para te saudar, lembra?" Ela ficaria séria. E um tanto perturbada, levaria a mão ao colar de pérolas, gesto tão seu quando não sabia o que dizer: tomava entre os dedos a conta maior do fio e ficava a rodá-la devagar. Sim, como não? Lembrava-se perfeitamente, só que o verso adquiria agora um novo sentido, não, não era mais

o cumprimento galante para arreliar o noivo. Era a confissão profunda, grave: “Se eu te amasse, se tu me amasses, como nós nos amaríamos!”.

– Podia usar o cinto – murmurou ela, voltando a apanhar o vestido nas costas. Dirigiu-se ao banheiro. – Paciência, ninguém vai reparar muito em mim.

“Só Roberto” – ele quis dizer. Esfregou vagorosamente as mãos. Examinou as unhas. “Têm que estar muito limpas”, lembrou, entrelaçando os dedos. Levou as mãos ao peito e vagou o olhar pela mesa: a esponja, o perfume, a escova, os grampos, o colar de pérolas... Através do vidro da caixa, ele via o colar. Ali estavam as pérolas que tinham atraído a atenção de Roberto: rosadas e falsas, mas singularmente brilhantes. Voltando ao quarto, ela pôria o colar, distraída, inconsciente ainda de tudo quanto a esperava. No entanto, se lhe pedisse, “Lavínia, não vá”, se lhe dissesse isto uma única vez, “não vá, fica comigo!”.

Vergou o tronco até tocar o queixo nos joelhos, o suor escorrendo ativo pela testa, pelo pescoço, a boca retorcida, “meu Deus!”. O quarto rodopiava e numa das voltas sentiu-se arremessado pelo espaço, uma pedra subindo aguda até o limite do grito. E a queda desamparada no infinito, “Lavínia, Lavínia!...”. Fechou os olhos e tombou no fundo da poltrona, tão gelado e tão exausto que só pôde desejar que Lavínia não entrasse naquele instante, não queria que ela o encontrasse assim, a boca ainda escancarada na convulsão da náusea. Puxou o xale até o pescoço. Agora era o cansaço

atroz que o fazia sentir-se uma coisa miserável, sem forças sequer para abrir os olhos. “Meu Deus.” Passou a mão na testa, mas a mão também estava úmida. “Meu Deus meu Deus meu Deus” – ficou repetindo meio distraidamente. Esfregou as mãos no tecido esponjoso da poltrona, acelerando o movimento. Ninguém podia ajudá-lo, ninguém. Pensou na mãe, na mulherzinha raquítica e esmolambenta que nada tivera na vida, nada a não ser aqueles olhos poderosos, desvendadores. Dela herdara o dom de pressentir. “Eu já sabia”, ela costumava dizer quando vinham lhe dar as notícias. “Eu já sabia”, ficava repetindo obstinadamente, apertando os olhos de cigana. “Mas, se você sabia, por que então não fez alguma coisa para impedir?!” – gritava o marido, a sacudi-la como um trapo. Ela ficava menorzinha nas mãos do homem, mas cresciam assustadores os olhos de ver na distância. “Fazer o quê? Que é que eu podia fazer senão esperar?”

“Senão esperar”, murmurou ele, voltando o olhar para o fio de pérolas enrodilhado na caixa. Ficou ouvindo a água escorrendo na torneira.

– Você vai chegar atrasada!

O jorro foi interceptado pelo dique do pente.

– Não tem importância, amor.

Num movimento ondulante, ele se pôs na beirada da poltrona, o tronco inclinado, o olhar fixo.

– Está se esmerando, hein?

– Nada disso, é que não acerto com o penteado.

– Seus grampos ficaram aqui. Você não quer os grampos? – disse ele. E num salto, aproximou-

se da mesa, apanhou o colar de pérolas, meteu-o no bolso e voltou à poltrona. – Não vai precisar de grampos?

– Não, já acabei, até que ficou melhor do que eu esperava.

Ele respirou de boca aberta, arquejante. Sorriu quando a viu entrar.

– Ficou lindo. Gosto tanto quando você prende o cabelo.

– Não vejo é o meu colar – murmurou ela, abrindo a caixa de cristal. Franziu as sobrancelhas:

– Parece que ainda agora estava por aqui...

– O de pérolas? Parece que vi também. Mas não está dentro da caixa?

– Não, não está. Que coisa mais misteriosa! Eu tinha quase certeza.

Agora ela revolvía as gavetas. Abriu caixas, apalpou os bolsos das roupas.

– Não se preocupe com isso, meu bem, você deve ter esquecido em algum lugar. Já é tarde, procuraremos amanhã – disse ele, baixando os olhos. Brincou com o pingente da cortina. – Prometi te dar um colar verdadeiro, lembra, Lavínia? E nunca pude cumprir a promessa.

Ela remexia as gavetas da cômoda. Tirou a tampa de uma caixinha prateada, despejou-a e ficou olhando para o fundo de veludo da caixa vazia.

– Eu tinha idéia que... – Voltou até a mesa, abriu pensativa o frasco de perfume, umedeceu as pontas dos dedos. Tapou o frasco e levou a mão ao pescoço. – Mas não é mesmo incrível?

– Decerto você guardou noutra lugar e esqueceu.

– Não, não, ele estava por aqui, tenho quase a certeza de que há pouco... – Sorriu voltando-se para o espelho. Interrogou o espelho. – Ou foi mesmo noutra lugar? Ah! lá sei – suspirou, apanhando a carteira. Escovou com cuidado a seda já puída. – Que pena, o colar faz falta quando ponho este vestido, nenhum outro serve, só ele.

– Faz falta, sim – murmurou Tomás, segurando com firmeza o colar no fundo do bolso. E riu. – Que loucura.

– Hum? Que foi que você disse?

Tudo ia acontecer como ele previra, tudo ia se desenrolar com a naturalidade do inevitável, mas alguma coisa ele conseguira modificar, alguma coisa ele subtraía da cena e agora estava ali na sua mão: um acessório, um mesquinho acessório, mas indispensável para completar o quadro. Tinha a varanda, tinha Chopin, tinha o luar, mas faltavam as pérolas. Levantou a cabeça.

– Como pode ser, Tomás? Posso jurar que vi por aqui mesmo!

– Vamos, meu bem, não pense mais nisso. Umhas pobres pérolas. Ainda te darei pérolas verdadeiras, nem que tenha que ir buscá-las no fundo do mar!

Ela afagou-lhe os cabelos. Ajeitou o xale para cobrir-lhe os pés e animou-se também.

– Pérolas da nossa ilha, hein, Tomás?

– Da nossa ilha. Um colar compridíssimo, milhares e milhares de voltas.

Baixando os olhos brilhantes de lágrimas, ela inclinou-se para beijá-lo.

– Não demoro.

Quando a viu desaparecer, ele tirou o colar do bolso. Apertou-o fortemente, tentando triturá-lo, mas, ao ver que as pérolas resistiam, escapando-lhe por entre os dedos, sacudiu-as com violência na gruta da mão. O entrechocar das contas produzia um som semelhante a uma risada. Sacudiu-as mais e riu: era como se tivesse prendido um duendezinho que agora se divertia em soltar risadinhas rosadas e falsas. Ficou sacudindo as pérolas, levando-as junto do ouvido. “Peguei-o, peguei-o” – murmurou, soprando malicioso pelo vão das mãos em concha. Ergueu-se e ficou sério, os olhos escancarados, voltado para o ruído do portão de ferro se fechando.

– Lavínia! Lavínia! – ele gritou, correndo até a janela. Abriu-a. – Lavínia, espere!

Elá parou no meio da calçada e ergueu a cabeça, assustada. Retrocedeu. Ele teve um olhar tranqüilo para a mulher banhada de luar.

– Que foi, Tomás? Que foi?

– Achei seu colar de pérolas. Tome – disse, estendendo o braço. Deixou que o fio lhe escorresse por entre os dedos.